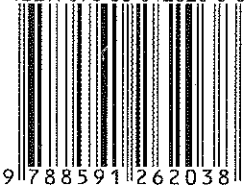
Em São Gabriel da Cachoeira pude sentir a inspiração de Deus, quando colore os céus no fim da tarde emoldurada pelo arco-íris. Ainda guardo o sabor, que se mistura na boca, da tapioca, da pimenta, do cupuaçu, do biju e do pescado com farinha. Ainda ouço os sons da música regional do "Gaiteiro do Rio Negro", a cantar em nheengatu para firmar suas raízes.

São Gabriel é um pouco da reza do branco e da fumaça do cigarro de palha do pajé, é o mercado que vende peixe, artesanato e frutas em português, em língua geral e em outras línguas locais.

É a doce união de sons e cores, de balaios, redes, sorrisos e línguas de índio, é o caboclo que mistura o tupi e o português na sonoridade da língua geral do Amazonas, é a vida que pulsa na simplicidade, que brilha como os dias iluminados pelo sol do Norte.

Jamais poderá dizer que conheceu a Amazônia aquele que não se banhou em seus rios e não viajou por eles, que não conviveu com o caboclo ao menos algumas horas, que não ouviu a musicalidade encantadora da língua geral nesse lugar.

CÉLIO CARDOSO (ilustrador e fotógrafo)

ISBN 978-85-912620-3-8

NAVARRO & ÁVILA

HISTÓRIAS EM LÍNGUA GERAL DA AMAZÔNIA

HISTÓRIAS EM *LÍNGUA GERAL* DA AMAZÔNIA

EDUARDO DE ALMEIDA NAVARRO
MARCEL TWARDOWSKY ÁVILA
(organizadores)

A língua de um povo é instrumento de afirmação identitária e de resistência cultural. Conhecer e estudar a cultura da terra é um ato de amor às origens e de respeito a si mesmo enquanto indivíduo. Assim, revitalizar e divulgar uma língua nacional é de extrema importância para nós, brasileiros. O trabalho desenvolvido pelos professores Eduardo Navarro e Marcel Ávila, o incentivo que dão aos seus alunos no sentido de preservar e estudar a cultura da pátria rendem belos e proveitosos frutos, como estas *Histórias em Língua Geral da Amazônia (Nheengatu ou Tupi Moderno)*. Uma das grandes dificuldades encontradas para a preservação das línguas indígenas brasileiras é justamente a falta de livros escritos nessas línguas. Esta obra vem para ser mais um instrumento de aprendizado e — também — de fruição do prazer da leitura. O estímulo para que fossem vertidas não apenas histórias brasileiras dão um sabor universal e atemporal ao livro. Aproveitem este rico trabalho!

Jeferson Santiago de França

Eduardo de Almeida Navarro
Marcel Twardowsky Ávila
(organizadores)

HISTÓRIAS EM LÍNGUA GERAL DA AMAZÔNIA

(*NHEENGATU* OU *TUPI MODERNO*)

Centro *Angel Rama*
da
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
da
Universidade de São Paulo
(FFLCH-USP)

São Paulo
2017

Capa e ilustrações: Célio Cardoso
Diagramação: Jeferson Santiago de França
Revisão: Marcel Twardowsky Ávila

ISBN: 978-85-912620-3-8

INTRODUÇÃO

Este pequeno livro reúne traduções de lendas, mitos, fábulas e de textos de outras naturezas feitas por alunos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, entre 2008 e 2016, matriculados na disciplina Tupi IV (Nheengatu), ministrada em nossa universidade. É uma contribuição que a USP dá para a revitalização da língua geral da Amazônia, falada atualmente no Médio e Alto Rio Negro, e que enfrenta a ameaça de enfraquecimento e extinção.

O nheengatu, desenvolvimento da língua geral amazônica colonial, é ainda falado por cerca de 6000 pessoas, tendo grande importância histórica por ter sido a língua mais usada naquela região da América do Sul, tanto no Brasil como na Colômbia e na Venezuela. Com o Ciclo da Borracha, entre as décadas de 1870 e 1910, a língua geral cedeu sua primazia ao português, por causa, principalmente, das migrações de nordestinos que buscavam trabalho nos seringais da região. Na época em que entrava em decadência, a língua foi dotada de gramática, dicionário e literatura, o que constitui um rico repositório de informações linguísticas para atuais tentativas de sua revitalização.

Além destas histórias que ora publicamos, em que se exercitam as habilidades de tradução literária de nossos alunos de graduação, obras importantes têm sido traduzidas também por pós-graduandos do Programa de Estudos da Tradução da Universidade de São Paulo. Com efeito, já se encontra vertido para o nheengatu o livro "*O Pequeno Príncipe*", de Saint-Éxupery, e outras obras o serão em futuro próximo. Tais iniciativas podem ajudar a revitalizar o léxico dessa língua, impedindo o uso excessivo de vocábulos portugueses, fator de enfraquecimento dela.

Este livro foi financiado pelo *Centro Angel Rama de Estudos Latino-Americanos*, de nossa universidade, e destina-se a ser distribuído aos habitantes da Bacia do Rio Negro, no estado do Amazonas. Para tanto, temos contado, há anos, com a generosa colaboração do bispo diocesano de São Gabriel da Cachoeira, Dom Edson Damian, que o tem feito chegar às mãos de centenas de falantes do nheengatu, sejam citadinos sejam ribeirinhos. A ele externamos nossa sincera gratidão.

Que a língua geral da Amazônia possa ser falada ainda por longo tempo, como no passado o foi, continuando a expressar a rica herança indígena que participou da formação da cultura brasileira!

1. A ORIGEM DAS ÁRVORES

(Mito indiano.
Tradução para o nheengatu de **Laís Nobile**.)

1. Contam que, quando o criador fez o primeiro homem, não havia árvores ou flores na terra.
2. O homem disse: — Meu Senhor, que vou comer? Como viverei?
3. O criador arrancou três fios de seu próprio cabelo e fez três árvores enormes com eles.
4. — Mas, meu senhor, disse o homem, não há frutos nestas árvores. Três árvores continuarão sendo três e, um dia, as três morrerão.
5. Então o criador pegou as cinzas que cobriam seus cabelos enrolados e jogou-as nas árvores, que começaram a dar flores e frutos.
6. Assim, contam que, quando ainda não sabíamos plantar, eram as árvores que nos alimentavam com seus frutos.

MIRÁ YUPIRUNGAWA

1. Mairamé, paá, munhangara umunhã apigawa yepesawa[1], ti rẽ yamaã mirá u putira iwí upé.
2. Apigawa unheẽ: – Se yara, maã taá kurí ambaú? Mayé taá kurí se rikwé?

1. yepesawa – primeiro(a)

3. Munhangara uyuka musapiri inimbú i awa tẽ sui, asuí umunhã musapiri mirá turusú retana aintá irumu.

4. — Ma, se yara, unheẽ apigawa, ti yamaã iyá kwá mirá-itá resé. Musapiri mirá upitá rẽ kurí musapiri, asuí yepé ara aintá musapiri kurí umanú.

5. Ape munhangara upisika tanimbuka upupeka waá i awa uyumamana waá asuí uyapí aintá mirá-itá resé, uyupirú waá-itá umeẽ putira-itá, iyá-itá yuíri.

6. Yawé, paá, mairamé ti rẽ yakwáu yayutima, mirá-itá uyupúi waá yandé aintá iyá-itá irumu.

2. O TOURO E O HOMEM

(Conto folclórico brasileiro.

Tradução para o nheengatu de **Giulia Esteves Lima**.)

1. Dizem que, antigamente, um touro que morava para os lados das montanhas nunca vira os homens.

2. Mas ouviu todos os animais dizerem que eles eram os animais mais valentes dos habitantes do mundo.

3. Ficava ouvindo todos dizerem isso. Então, um dia foi procurar os homens para saber se tal história era verdadeira.

4. Saiu do mato e, chegando a uma estrada, começou a andar por ela.

5. Adiante, encontrou um velho que caminhava com uma vara. Perguntou-lhe:

6. — Você é o bicho homem?

7. — Não! — respondeu o velho. — Eu fui homem, mas hoje eu não sou mais!

8. O touro se foi e depois encontrou uma velha:

9. — Você é o bicho homem?

10. — Não! Eu sou a mãe do bicho homem!

11. Encontrou um menino adiante:

12. — Você é o bicho homem?

13. — Não! Ainda hei de ser. Sou o filho do bicho homem.

14. Adiante, encontrou o bicho homem que vinha com um bacamarte no seu ombro.

15. — Você é o bicho homem?

16. — Está falando com ele!

17. — Estou cansado de ouvir as pessoas dizerem que o bicho homem é o mais valente dos habitantes do mundo e vim procurá-lo para saber se é mais valente que eu!

18. — Então, veja! — disse o homem, disparando seu bacamarte e ferindo a cara do touro.

19. O touro, com muita dor, entrou no mato e correu até sua casa, onde passou muitos dias para curar seu ferimento.

20. Depois, outro animal perguntou-lhe:

21. — Então, camarada touro, encontrou o bicho homem?

22. — Ah! Meu amigo, só com um espirro dele, veja como fiquei!

TAPIRAWASÚ APIGAWA IRUMU

1. Kuxiíma, paá, yepé tapirawasú umurari waá iwitera-itá kití nẽ mairamé rẽ umaã apigawa-itá.

2. Ma usendú ana panhẽ suú unheẽ aintá suú kirimbawa piri waá panhẽ iwipura-itá suiwara.

3. Usenduwera panhẽ awá unheẽ nhaã. Ape, yepé ara usú ana usikari apigawa-itá ukwáu arama sá supí tẽ nhaã marandúa.

4. Usemu kaá suí, asuí usika yepé pé upé, uyupirú uwatá i rupí.

5. Senundé kití usuantí yepé tuyué uwatá waá yepé miraí irumu. Upurandú i suí:

6. — Indé será suú-apigawa?

7. — Umbaá!, tuyué usuaxara. Kuxiíma ixé apigawa, ma kuíri ti ana!

8. Tapirawasú usú ana, asuí usuantí yepé waimĩ:

9. — Indé será suú-apigawa?

10. — Umbaá! Ixé suú-apigawa manha.

11. Senundé kití usuantí yepé kurumĩ:

12. — Indé será suú-apigawa?

13. — Umbaá! Ayeréu rẽ kurí apigawa. Ixé suú-apigawa raíra.

14. Senundé kití usuantí suú-apigawa uri waá i mukawa irumu i apa resé.

15. — Indé será suú-apigawa?

16. — Repurungitá reikú i irumu!

17. — Ixé se kweré ana asendú mira-itá unheẽ suú-apigawa kirimbawa piri waá panhẽ iwipura-itá suiwara, asuí ayuri asikari aé akwáu arama sá aé kirimbawa piri se suí!

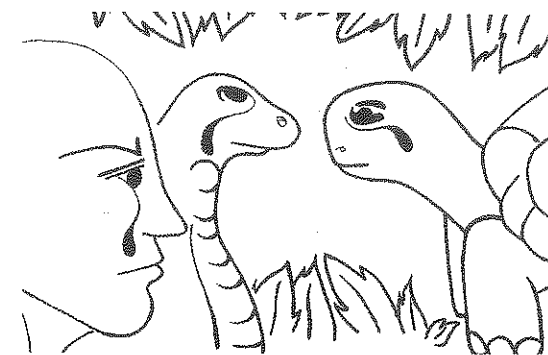
18. —Aramé, remaã! – Unheẽ wana apigawa, uyapí i mukawa irumu asuí umuperewa tapirawasú ruá.

19. Tapirawasú, sasisawa turusú irumu, uwiké kaá kití, uyana té suka upé, mamé upitá siía ara upusanú[2] arama i perewa.

20. Ariré, amú suú upurandú i suí:

21. — Maita, se rumuára tapirawasú, rewasemu ana suú-apigawa?

22. — Ah! Se rumuára, i asamusawa[3] irumuntu, remaã mayé ixé apitá!

2. pusanú – curar, medicar
3. asamusawa – espirro

UM HOMEM NA FLORESTA

(Mito amazônico.
Tradução para o nheengatu de **Tauan Duque Ribeiro**.)

1. Contam que, antigamente, o mundo todo era uma floresta.

2. Nessa floresta, dizem, existiam muitos animais: o jabuti, a cobra, a onça e muitos outros.

3. Na grande floresta havia também um homem. Ele vivia igual aos animais e todos eram felizes.

4. Mas, dizem que, um dia, o jabuti viu a tristeza nos olhos do homem.

5. De noite, na floresta, o sábio jabuti perguntou ao homem:

6. — Por que você está tão triste?

7. Dizem que o homem respondeu:

8. — Estou triste porque não sou como vocês.

9. Os pássaros podem voar, os peixes podem nadar; eu não consigo fazer nada.

10. A cobra queria que o homem se animasse. Por isso, deu a ele a sua força. O homem saiu feliz.

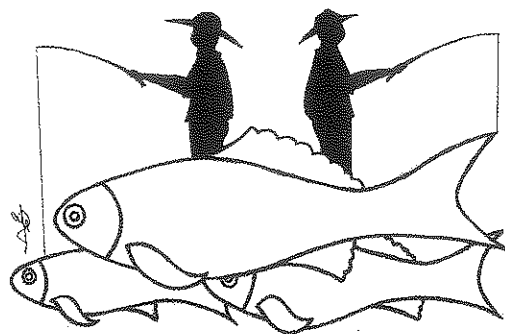
11. Mas depois o homem ainda estava triste e, perto da fogueira, a onça deu a ele sua valentia.

12. O homem saiu feliz, mas, no outro mês, ele foi à grande floresta muito triste.
13. Chegou perto dos animais e disse ao jabuti:
14. — Dê-me sua sabedoria!
15. O jabuti viu o homem chorar e, por isso, deu a ele sua sabedoria.
16. Nesse dia, dizem, o homem saiu muito feliz da grande floresta.
17. Um ano passou e o homem sempre voltava triste para a floresta e saía com um presente de um animal.
18. Dizem que, um dia, o homem foi para a grande floresta muito triste e viu os animais juntos.
19. Ele chegou perto deles e perguntou-lhes:
20. — Vocês têm algo para mim?
21. O jabuti respondeu:
22. — Não temos nada. Você arrancou tudo de nós e, agora, somos tristes como você.

YEPÉ APIGAWA KAAWASÚ UPÉ

1. Kuxiíma, paá, Iwí pawa yepé kaawasú.
2. Nhaã kaawasú upé, paá, aikwé siía suú: yautí, buya, yawareté, siía amú-itá yuíri.
3. Kaawasú upé aikwé yepé apigawa yuíri. Aé uikú suú-itá yawé; panhẽ aintá surí.
4. Ma yepé ara, paá, yautí umaã sasiarasawa apigawa resá resé.
5. Pituna ramé, kaawasú upé, yautí, ukwáu ara waá, upurandú apigawa suí:
6. — Marã taá sasiára retana indé?
7. Apigawa, paá, usuaxara:

8. — Ixé sasiára aikú maãresé[4] ixé ti mayé pe yawé.
9. Wirá-itá ukwáu uwewé, pirá-itá ukwáu uwitá; ixé ti akwáu amunhã nẽ maã.
10. Buya uputari apigawa uyumusurí. Sesé umeẽ i xupé i kirimbasawa. Apigawa usemu surí.
11. Ma ariré apigawa uikú rẽ sasiára. Tatá ruakí, yawareté umeẽ i xupé i piawasusawa[5].
12. Apigawa usemu surí, ma amú yasí ramé aé usú kaawasú kití sasiára retana.
13. Usika suú-itá ruakí, unheẽ yautí supé:
14. — Remeẽ ixé arama ne kwausawa!
15. Yautí umaã apigawa uyaxiú. Aresé umeẽ i xupé i kwausawa.
16. Nhaã ara, paá, apigawa usemu surí retana kaawasú suí.
17. Yepé akayú usasá wana. Nhaã pukusawa apigawa uyuiriwera sasiára kaawasú kití, asuí usemuwera yepé suú putawa[6] irumu.
18. Yepé ara, paá, apigawa usú kaawasú kití sasiára retana, umaã suú-itá yepewasú.
19. Aé usika aintá ruakí, asuí upurandú aintá suí:
20. — Perikú será manungara ixé arama?
21. Yautí usuaxara:
22. — Yandé ti yarikú nẽ maã. Indé remusaka pawa yané suí, kuíri yandé sasiára mayé tẽ ne yawé.

4. maãresé – porque (o mesmo que maãsé)
5. piawasusawa – valentia, coragem
6. putawa *ou* putá – presente, oferenda

4. A VERDADEIRA GRANDEZA

(Conto folclórico paulista.
Tradução para o nheengatu de **Rogério da Silva Carlos**.)

1. José está no rio com Tiago.
2. José diz: — Meus peixes são melhores que os teus.
3. Tiago responde: — Por causa disso fico triste.
4. José diz: — Que queres que eu faça? Queres meus peixes?
5. Quando a noite chegou, disse José:
6. — Prepara os peixes para comermos! Meus peixes são muito duros! Eu quero teus peixes.
7. Tiago diz: — Comi-os agora mesmo.
8. José ficou triste e com fome.
9. Esta história mostra que o que é maior às vezes não é o melhor.

TURUSUSAWA RETÉ WAÁ

1. José uikú paranã upé Tiago irumu.
2. José unheẽ: — Se pirá-itá puranga piri ne pirá-itá suí.
3. Tiago usuaxara: — Sesewara ixé apitá sasiára.
4. José unheẽ: — Maã taá reputari ixé amunhã? Reputari será se pirá-itá?
5. Pituna usika ramé, José unheẽ:
6. — Remungaturú pirá-itá yambaú arama! Se pirá-itá santá retana! Ixé aputari ne pirá-itá!
7. Tiago unheẽ: — Aéntu ambaú aintá.
8. José upitá sasiára, yumasisawa irumu.
9. Kwá marandúa umukameẽ maã turusú piri waá amuramé ti puranga piri waá.

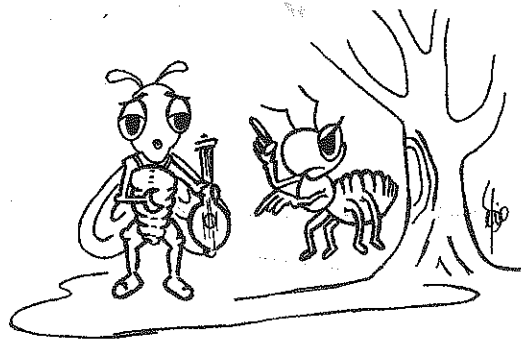
5. A CIGARRA E A FORMIGA

(Fábula de Esopo.
Tradução para o nheengatu de **Paulo Augusto Ferreira Vitor**.)

1. Num dia de inverno, o sol estava aparecendo e as formigas saúvas estavam tendo o maior trabalho para secar as reservas de comida.
2. Depois de uma chuvarada, os grãos tinham ficado molhados. Então, apareceu uma cigarra e disse:
3. — Formiguinhas saúvas, deem-me um pouco de comida!
4. As formigas pararam de trabalhar, coisa que era uma vergonha para elas, e perguntaram:
5. — Por quê? Que você fez durante o verão? Por acaso não se lembrou de ajuntar comida para o inverno? Disse-lhes a cigarra:
6. — Para falar a verdade, não tive tempo porque passei o verão todo cantando!

7. Disseram as formigas: — Bom... Se você passou o verão todo cantando, por que não passa o inverno dançando?
8. Então, elas voltaram para o trabalho, dando risadas.
9. Moral da história: Os preguiçosos colherão aquilo que plantam.

DARIDARÍ USAÍWA IRUMU

1. Yepé ara, amana-ara[7] ramé, kurasí uyukwáu uikú, usaíwa-itá urikú murakí turusú umutikanga arama ta rimbiutiwa.
2. Yepé amanawasú riré, saínha[8]-itá uyumururú. Aramé, uyukwáu yepé daridarí, asuí unheẽ:
3. — Usaíwa-mirĩ-itá, pemeẽ ixé arama timbiú kwaíra!
4. Usaíwa-itá upituú upurakí, maã aintá utĩ reté umunhã, asuí aintá upurandú:
5. — Marã taá? Maá taá remunhã kurasí-ara pukusawa? Ti será remanduá-ri remuatiri timbiú amana-ara ramewara arama? Daridarí unheẽ i xupé:
6. — Supisá-pe, ixé ti arikú ara maãresé asasá kurasí-ara pukusawa anheengari!
7. Usaíwa-itá unheẽ i xupé: — Puranga... renheengari ramé kurasí-ara pukusawa, marã taá ti repurasí amana-ara pukusawa?
8. Ape, paá, aintá uyupirú yuíri upurakí, aintá upuká-puká.
9. Marandúa mbuesawa: Yatimawera-itá upuú kurí maã aintá uyutima waá.

7. amana-ara – inverno
8. saínha, raínha – semente, caroço, grão

6. O RAPAZ FEITO DE GORDURA

(Conto folclórico da Groenlândia.
Tradução para o nheengatu de **Júlia Fernandez.**)

1. Era uma vez uma moça cujo namorado se afogara no mar.
2. Os pais dela nada puderam fazer para consolá-la.
3. Ela não queria conhecer nenhum outro rapaz. Queria aquele jovem que se afogara e ninguém mais.
4. Finalmente, ela pegou um naco de gordura de baleia e o entalhou para ficar como seu namorado morto.
5. Então, esculpiu o rosto do namorado. A imagem ficou igual à de seu namorado.
6. — Ah, seria bom se isto fosse de verdade, pensou.
7. Ela esfregou tanto o pedaço de gordura na sua genitália que, então, ele ganhou vida.
8. Seu belo namorado estava diante dela. Ela ficou muito feliz.
9. Ela o apresentou a seus pais, dizendo-lhes:
10. — Como vocês estão vendo, ele não se afogou...
11. O pai da jovem deixou-a casar. Então, ela foi com o rapaz de gordura para uma pequena cabana fora da aldeia.
12. Às vezes ficava muito quente dentro da cabana. O rapaz de gordura ficava muito aborrecido e, então, dizia:
13. — Esfregue-me, amor. E a moça esfregava todo o corpo dele na sua genitália, reanimando o rapaz.
14. Um dia, o rapaz de gordura estava caçando e o sol o fazia sofrer duramente.
15. Quando voltava para casa, dentro do seu barco, ele começou a suar. E, enquanto suava, ia ficando menor.
16. Metade do corpo dele já tinha derretido quando chegou à costa.

17. Então, saiu do barco e caiu no chão, um amontoado de gordura, somente.
18. — Que pena!, o pai da jovem disse. — Ele era um jovem tão amável...
19. A jovem enterrou o rapaz de gordura sob uma pilha de pedras. Então começou a pranteá-lo.
20. Cada dia visitava a gordura na sua cova, conversava com ela.
21. Depois do período de luto, a jovem pegou outro pedaço de gordura de baleia e começou a entalhá-lo novamente.
22. Esfregou novamente sua obra na sua genitália. Então, lá estava o namorado diante dela, dizendo:
23. — Esfregue-me novamente, amor...

KURUMIWASÚ KAWASAWA SUIWARA

1. Aikwé, paá, yepé kunhãmukú i awasá waá uyupipika ana paranãwasú upé.
2. I paya, i manha nẽ maã umunhã-kwáu umurí arama aé.
3. Aé ti ana ukwáu-putari amú kurumiwasú-itá. Uputari nhaã kurumiwasú uyupipika ana waá, nẽ awá amurupí.
4. Pausá-pe, aé upisika yepé pirawasú[9] kawasawa pisãwéra, asuí ukarãi aé upitá arama i awasá ambira rangawa yawé.
5. Ape umunhã i awasá ambira ruá rangawa. Sangawa upitá mayé tẽ i awasá ambira yawé.
6. — Ah, puranga maã kwá reté waá ramé maã, umanduári.
7. Aé ukitika retana kawasawa pisãwéra samatiã resé, aramé ana aé upaka.
8. I awasá puranga uikú ana senundé. Aé upitá surí retana.
9. Aé umukameẽ aé i paya-itá supé, asuí unheẽ aintá supé:
10. — Mayé pemaã peikú, aé ti uyupipika.
11. Kunhãmukú paya uxari aé umendari. Aramé aé usú kurumiwasú kawasawa suiwara irumu yepé ukamirĩ kití tawa ukárupi.

9. pirawasú – baleia

12. Amuramé upitá sakú reté ukamirĩ kwara upé. Kurumiwasú kawasawa suiwara i kweré retana, ape unheẽ:
13. — Rekitika ixé, se pixana. Asuí kunhãmukú ukitika pawa i pira samatiã resé, umusikwé kurumiwasú.
14. Yepé ara, paá, kurumiwasú kawasawa suiwara ukamundú[10] uikú. Kurasí umupurará retana aé.
15. Uyuíri ramé uka kití, i igara pupé, aé uyupirú siái. Aé siái pukusawa, upitá usú uikú kwaíra piri.
16. I pira utikú ana i pitera rupí mairamé aé usika sembiwa upé.
17. Ape usemu igara suí, uwari iwí-pe, yepé kawasawa muatirisawantu ana.
18. —Taité!, kunhãmukú paya unheẽ. — Aé yepé kurumiwasú katú retana waá kwera...
19. Kunhãmukú uyutima kurumiwasú kawasawa suiwara yepé itatiwa wírupe. Aramé aé uyupirú uyaxiú sesé.
20. Muíri ara aé usú kawasawa kwera piri, i yutimasawa kwara upé, upurungitá i irumu.
21. Sasisawa ara-itá riré, kunhãmukú upisika amú pirawasú kawasawa pisãwéra, asuí uyupirú ukarãi aé yuíri.
22. Aé ukitika yuíri i munhangawa samatiã resé. Aramé, i awasá uikú ana mimi, senundé, unheẽ uikú:
23. — Rekitika yuíri ixé, se pixana...

10. kamundú – caçar

7. A GALINHA QUE BOTAVA OVOS DE OURO

(Fábula de Esopo.
Tradução para o nheengatu de **Paulo Augusto Ferreira Vitor**.)

1. Contam que, um dia, um casal foi a uma venda para comprar uma galinha.
2. Eles pensavam que aquela galinha era como as outras galinhas. Tinha bico, penas, pés.
3. Certa manhã, quando a mulher foi ao galinheiro para recolher os ovos, assustou-se muito.
4. Diante de seus olhos, no meio do ninho, havia um ovo muito diferente, um ovo de ouro!
5. A mulher pegou o ovo com sua mão direita, cheirou-o, lambeu aquele ovo, examinou-o devagar.
6. Ela teve certeza: aquele ovo era, mesmo, de ouro.
7. Ela saiu correndo e foi acordar seu marido para contar-lhe aquela novidade.
8. — Amor, acorde. Veja o que eu encontrei no ninho daquela galinha que compramos ontem.
9. Seu marido acordou, olhou aquele ovo de ouro, pegou-o, mediu-o, lambeu-o, pesou-o e, finalmente, gritou:
10. — Mulher, é ouro puro! Nós ficamos ricos!

11. A mulher logo lhe disse:
12. — Se estamos ricos com um único ovo, imagine como ficaremos com os outros ovos que essa galinha traz na sua barriga.
13. Vamos logo abrir seu corpo para pegarmos aquela riqueza!
14. O marido, ambicioso, correu até a cozinha, pegou uma faca e decepou a cabeça da galinha.
15. Quando ele abriu seu corpo, não encontrou ovos dentro dele, mas somente intestino, coração, rins e sangue.
16. O ovo de ouro não os fez ricos. Eles dois ficaram pobres ainda e passaram o resto da vida dizendo:
17. — Sou pobre por tua culpa.
18. Moral da história: Quem tudo quer tudo perde.

SAPUKAYA UMBURI WAÁ SUPIÁ-ITÁ ITATAWÁ[11] SUIWARA

1. Yepé ara, paá, yepé apigawa ximirikú irumu usú yepé piripanasawa ruka[12] kití upiripana arama yepé sapukaya.
2. Aintá umaité nhaã sapukaia mayé amú sapukaya-itá yawé. Aé urikú i tĩ, sawa-itá, i pí.
3. Yepé kwema ramé, mairamé kunhã usú tukaya kití upisika arama supiá-itá, yakanhemu retana.
4. Sesá renundé, sapukaya ruka pitérupi, aikwé yepé supiá amurupí retana, yepé supiá itatawá suiwara!
5. Kunhã upisika supiá i pú katusawa pupé, usetuna aé, useréu nhaã supiá, umaã sesé merupí.
6. Aé ukwáu ana supí: nhaã supiá itatawá suiwara tẽ!
7. Aé usemu uyana, asuí usú umbaka i mena umbeú arama i xupé nhaã marandúa.
8. — Tuyu, repaka. Remaã maã awasemu nhaã sapukaya ruka upé, nhaã sapukaya yapiripana waá kwesé.

11. itatawá - ouro
12. piripanasawa ruka – venda, loja

9. I mena upaka, umaã nhaã supiá itatawá suiwara, upisika aé, usaã i turususawa, useréu aé, usaã i pusesawa, asuí kuité aé usasemu:

10. — Se rimirikú, kwá itatawá munanisawaíma! Yandé yapitá rikusarawasú[13]!

11. Yeperesé kunhã unheẽ i xupé:

12. — Yandé rikusarawasú ramé yepenhũ supiá irumu, remanduári mayé kuri yapitá amú supiá-itá irumu nhaã sapukaya ururi waá i marika kwara upé.

13. Yasú yeperesé yapirari i pira yapisika arama nhaã sepiwasú waá-itá.

14. I mena, putarisarawasú[14], uyana té memuitendawa[15] upé, upisika yepé kisé, umunuka sapukaya akanga i pira suí!

15. Mairamé aé upirari i pira kwera, ti uwasemu supiá i kwara upé, ma anhũ i buxu, i piá, i pirikití[16]-itá, suwí.

16. Supiá itatawá suiwara ti umuyeréu aintá rikusarawasú arama. Mukũi-itá upitá rẽ pirasúa, aintá usasá ta rikwesawa remirera ta unheẽ uikú:

17. — Ixé pirasúa ne resewara.

18. Marandúa mbuesawa: Awá uputari panhẽ maã umukanhemu pawa.

8. O GUARANÁ

(Conto amazônico.
Tradução para o nheengatu de Ingrid T. S. Campos Silva.)

1. Antigamente, dizem que a arara estava com suas amigas, outras araras, na mata.

2. Um dia, o papagaio apareceu e contou uma história para ela:

3. — Havia, dizem, uma arara muito bonita aqui na mata. Tinha asas azuis e vermelhas.

4. Ela gostava de flores e pássaros, mas gostava mais de guaraná, porque ele era vermelho como suas asas.

13. rikusarawasú – rico (liter. grande proprietário)
14. putarisarawasú – ambicioso
15. memuitendawa – cozinha
16. pirikití – rim

5. A arara pensava que ela era dona do guaraná e não deixava que ninguém o pegasse.

6. Um dia, um caxinguelê comeu um pouco de guaraná e a arara ficou brava.

7. A arara disse para ele parar, mas ele não se assustou.

8. Então, ela chamou suas amigas para roubarem todos os guaranás da mata e os enterraram.

9. Mas as araras esqueceram onde os guaranás estavam e não os acharam depois.

10. Ficaram tristes, mas os tempos passaram e as sementes brotaram.

11. Então, via-se uma floresta cheia de árvores de guaraná de novo.

12. Então, as araras não repreenderam mais os outros animais por eles comerem guaraná.

13. O papagaio terminou sua história e a arara riu muito com ele, pensando que não era verdadeira aquela história.

14. Então, o papagaio disse:

15. — É verdade, sim. Sem as araras, não existiriam os guaranás.

16. O trabalho das araras fez todos felizes!

WARANÁ

1. Kuxiíma, paá, arara uikú sumuára-itá irumu, amú arara-itá, kaá upé.

2. Yepé ara, paá, parawá uyukwáu, asuí umbeú yepé marandúa i xupé:

3. — Aikwé, paá, kuxiíma yepé arara puranga retana iké, kaá upé. Aé urikú i pepú suikiri, piranga irumu.

4. Aé usaisú putira-itá, wirá-itá yuíri, ma usaisú piri waraná maãresé aé piranga mayé i pepú yawé.

5. Arara umaité aé waraná yara, ti uxari nẽ awá upisika aé.

6. Yepé ara, paá, yepé akutipurú umbaú kwaíra waraná, asuí arara i piaíwa.

7. Arara unheẽ i xupé aé upituú arama, ma aé ti yakanhemu.
8. Aramé aé usenũi sumuára-itá umundá arama waraná kaapura pawa, asuí aintá uyutima pawa.
9. Ma arara-itá ta resarái mamé waraná-itá uikú, ti ana aintá uwasemu aintá ariré.
10. Aintá upitá sasiára, ma ara-itá usasá, asuí saínha-itá[17] usiní ana.
11. Aramé uyumaã yepé kaá teresemu waraná-iwa irumu yuíri.
12. Aramé arara-itá ti ana uyakáu amú suú-itá aintá umbaú resé waraná.
13. Parawá upituú i marandúa, asuí arara upuká retana i irumu, umaité ti supí nhaã marandúa.
14. Aramé parawá unheẽ:
15. — Eẽ, supí tẽ. Araraíma ti maã yamaã waraná-itá.
16. Arara murakí umunhã ana panhẽ suri!

9. A LENDA DA NOITE

(Lenda amazônica.

Versão para o nheengatu de **Marina de Melo Munhoz**.)

1. Contam que, no princípio, não havia noite, mas somente o dia.
2. A noite dormia no buraco do rio. Não havia animais e todas as coisas falavam.
3. Conta-se que a filha da Cobra Grande casou-se com um rapaz. Este rapaz tinha três criados muito bons.
4. Um dia ele chamou os três criados e disse-lhes:
5. — Vão passear; minha esposa não quer dormir comigo.
6. Os criados foram. Então, ele chamou sua esposa para dormir consigo. Ela respondeu:

17. saínha, raínha – semente, caroço, grão

7. — A noite ainda não caiu. Não há noite, só dia. Meu pai tem a noite. Se você quer dormir comigo, mande buscar a noite através do rio.
8. Ele chamou os três criados e sua mulher mandou que fossem à casa de seu pai para buscarem um caroço de tucumã.
9. Quando chegaram à casa da Cobra Grande, esta deu a eles um caroço de tucumã. Disse-lhes:
10. — Aqui está o caroço de tucumã. Levem-no, mas não o abram... Se abrirem o caroço, vocês o perderão.
11. Os criados partiram e ouviram um barulho dentro do caroço de tucumã:
12. — Ten-ten-ten-ten, xi-xi-xi-xi... Assim era o barulho dos grilos e dos sapos que cantavam de noite.
13. Os criados foram remando com força. Então, não suportaram mais ficar sem saber o que era aquele barulho.
14. Reuniram-se na canoa e fizeram fogo para abrir o caroço.
15. Então, dizem, escureceu tudo. A noite havia saído do caroço de tucumã.
16. Nesse instante mesmo, na cabana nupcial, os que esperavam para dormir souberam que a semente havia sido aberta.
17. A filha da Cobra Grande, ofegante, disse:
18. — Soltaram a noite. Vamos esperar, agora, o amanhecer...

PITUNA MARANDÚA

1. Yupirungawa ramé, paá, ti yamaã pituna, anhũ ara.
2. Pituna ukiri uikú paranã kwara upé. Ti yamaã suú-itá, panhẽ maã upurungitá yepé.
3. Buyawasú mimbira, paá, umendari yepé kurumiwasú irumu. Kwá kurumiwasú urikú musapiri miasúa puranga reté.
4. Yepé ara, paá, aé usenũi musapiri miasúa[18], unheẽ aintá supé:
5. — Pesú pewatawatá; se rimirikú ti uputari ukiri se irumu.

18. miasúa – criado, servo, escravo

6. Miasúa-itá usú ana. Aramé, aé usenũi ximirikú ukiri arama i irumu. Aé usuaxara:

7. — Pituna ti rẽ usika. Ti yamaã pituna, anhũ ara. Se paya urikú pituna. Reputari ramé rekiri se irumu, remundú aintá ururi pituna paranã rupí.

8. Aé usenũi nhaã musapiri miasúa, asuí ximirikú umundú aintá usú i paya ruka kiti ta ururi arama yepé tukumã raínha[19].

9. Mairamé aintá usika Buyawasú ruka upé, aé umeẽ aintá supé yepé tukumã raínha. Asuí unheẽ aintá supé:

10. — Xukúi tukumã raínha. Perasú aé, ma té pepirari aé. Pepirari ramé saínha, pemukanhemú kurí aé.

11. Miasúa-itá usú ana asuí aintá usendú yepé tiapú tukumã raínha kwara upé:

12. — Ten—ten—ten—ten, xi-xi-xi-xi... Kwayé tukura tiapú, kururú tiapú unheengari waá-itá pituna ramé.

13. Miasúa-itá uyapukúi usú uikú kirimbawa. Aramé, ti ana aintá upitasuka ti ukwáu maã taá nhaã tiapú.

14. Aintá uyumuatiri igara upé asuí aintá umundeka tatá upirari arama tukumã raínha.

15. Ape, paá, uyumupituna pawa. Pituna usemu ana tukumã raínha suí.

16. Aramé ana tẽ, mendarisawa ruka upé, nhaã-itá usarú waá-itá ukiri arama ukwáu ana tukumã raínha uyupirari ana.

17. Buyawasú mimbira, maraári, unheẽ:

18. — Aintá upirari ana pituna. Kuíri yasú yasarú kwema...

19. saínha, raínha – semente, caroço, grão

10. O DINHEIRO DAS ESTRELAS

(Conto dos Irmãos Grimm.
Tradução para o nheengatu de **Barbara Marques Montecinos**.)

1. Dizem que havia, antigamente, uma moça órfã de pai e mãe, muito pobre.

2. Não tinha nenhum quarto para morar, nem uma rede para dormir.

3. Tinha somente vestimentas e um pedaço de pão que um bom homem lhe dera.

4. Ela era muito boa e prestativa, mas quando ela viu que todas as pessoas a abandonaram, ela foi para o campo, entregando-se ao bom Deus.

5. Quando ela ia por seu caminho, viu um homem pobre que lhe disse:

6. — Ah, dê-me comida, pois estou muito faminto!

7. Então ela deu o pedaço de pão para o homem e disse-lhe:

8. — Deus abençoe o pão que você vai comer.

9. Então a moça foi por seu caminho. Veio, então, um menino que gemia e disse:

10. — Eu sinto muito frio. Dê-me seu capuz. Então a moça lhe deu o capuz.

11. Depois ela viu outro menino que não tinha casaco e estava sentindo muito frio. Então, ela deu para o menino o seu casaco.

12. Então a moça se aproximou do mato escuro e viu uma mulher que lhe pediu sua camisa. A moça disse:

13. — A noite está escura e ninguém me vê. Então, eu lhe darei minha camisa.

14. Quando estava parada ali, sem nada, muitas estrelas caíram do céu, virando moedas.

15. A boa moça pegou o dinheiro e ficou muito rica.

YASITATÁ[20] ITAYÚA[21]

1. Kuxiíma, paá, aikwé yepé kunhãmukú payaíma, manhaíma yuíri, pirasúa retana.
2. Ti urikú nẽ yepé ukapí umurari arama, nẽ yepé makira ukiri arama.
3. Urikuntu muamundewa[22]–itá, asuí yepé miapé[23] pisãwéra yepé apigawa katú umeẽ waá kwera i xupé.
4. Aé yepé mira katú retana, pitimusara[24] yuíri, ma mairamé aé umaã panhẽ mira uxari ana aé, usú ana kupixawa kití, uyumeẽ Tupana puranga supé.
5. Mairamé aé usú ana sapé rupí, umaã yepé apigawa pirasúa unheẽ waá i xupé:
6. — Ah, remeẽ ixé arama timbiú maãresé ixé se yumasí retana!
7. Ape aé umeẽ ana miapé pisãwéra apigawa supé, unheẽ i xupé:
8. — Tupana umutupana kwá miapé indé rembaú waá kurí.
9. Ape kunhãmukú usú ana sapé rupí. Aramé uri yepé kurumĩ usasemu waá, unheẽ:
10. — Ixé asaã irusanga turusú. Remeẽ ixé arama ne akangapupekawa[25] Ape kunhãmukú umeẽ ana i xupé i akangapupekawa.
11. Ariré aé umaã amú kurumĩ ti waá urikú kamixá-puasú[26], usaã uikú irusanga turusú. Ape aé umeẽ kurumĩ supé i kamixá-puasú.

20. yasitatá – estrela
21. Itayúa – dinheiro
22. muamudewa – vestimenta, roupa
23. miapé – pão
24. pitimusara – que ajuda, que auxilia, ou seja, prestativo(a)
25. akangapupukawa – capuz, gorro (lit. cobertor da cabeça ou cobertura da cabeça)
26. Kamixá-puasú – casaco, blusa

12. Ape kunhãmukú usika kaá pixuna ruakí, asuí umaã yepé kunhã uyururéu[27] waá i suí i kamixá. Kunhãmukú unheẽ:

13. — Pituna pixuna, nẽ awá umaã ixé. Aramé, ixé ameẽ kurí se kamixá indé arama.

14. Mairamé aé uikuntu mimi, nẽ maã irumu, siía yasitatá uwari iwaka suí, uyeréu ana itayúa-apuã[28] arama.

15. Kunhãmukú i piá-puranga waá upisika itayúa, upitá rikusarawasú retana.

11. A COBRA BRANCA

(Conto dos Irmãos Grimm.
Tradução para o nheengatu de **Alice Vieira**.)

1. Antigamente, havia um rei muito inteligente, que sabia de tudo. Parecia que todas as notícias chegavam a ele com o vento.
2. Aquele rei tinha um hábito: todas as noites permanecia à mesa após o jantar.
3. Quando não havia mais ninguém perto dele, então seu criado lhe levava um prato coberto.
4. Um dia, seu criado, curioso, escondeu-se e tirou a tampa do prato.
5. 5. Dentro dele havia uma pequena cobra. O criado cortou um pedaço dela e o comeu.
6. Assim que mordeu o pedaço de cobra, começou a ouvir sussurros vindos de fora.
7. Viu, então, que eram dois papagaios que conversavam.
8. Depois que comeu aquela cobra, ele começou a poder compreender a linguagem dos animais.
9. Nesse mesmo dia, sumiu o anel mais bonito da rainha. Acusaram, então, o criado de furtá-lo.
10. Desesperado, ele foi ao jardim para ver o que faria.

27. yururéu (ou yyururé) – pedir
28. itayúa-apuã – moeda

11. Então, dizem que ouviu dois patos que conversavam. Um pato dizia ao outro:

12. — Nossa, comi algo que não me fez bem. Era duro e redondo.

13. O criado ficou feliz quando soube o que acontecera. Pegou o pato e levou-o ao cozinheiro, que o matou.

14. O anel estava dentro do pato. Ele pegou o anel e o levou à rainha.

15. O rei deu-lhe uma recompensa, permitindo que o criado pedisse o que quisesse.

16. Ele pediu, então, um cavalo e dinheiro para viajar pelo mundo.

17. O criado tomou o cavalo e saiu para ver o mundo.

18. Então, encontrou em seu caminho uma poça onde havia três peixes que gritavam por socorro, que estavam para morrer sem ar.

19. O criado, então, parou e lançou-os no rio.

20. Os peixes foram embora e disseram: — Obrigado! Você nos salvou.

21. Estava já indo por seu caminho quando avistou dois urubus pequenos que choravam de fome porque ainda não sabiam voar para procurar comida.

22. Então ele desceu do cavalo, matou-o e deu sua carne aos pequenos urubus, que lhe agradeceram.

23. O criado seguiu por seu caminho a pé.

24. Depois de passar por três reinos, chegou a um reino onde estava havendo uma competição, cujo vencedor casaria com a princesa.

25. Para vencer, eles tinham de fazer coisas muito difíceis. A primeira coisa: eles tinham de achar um anel que o rei havia lançado dentro de um grande rio.

26. Sem saber como fazer aquilo, o pobre entrou no rio sem esperanças.

27. Então, vieram os peixes que ele havia salvado e lhe entregaram o anel, fazendo com que ele vencesse a prova.

28. A princesa, porém, desejava saber se o jovem era mesmo valente e, então, pediu-lhe:

29. — Vá já até a árvore da vida e traga a maçã de ouro.

30. Sem saber, ao certo, o lugar onde estava aquela árvore, o criado ficou andando durante muitos dias, até que se recostou numa árvore, quando caiu em sua cabeça a maçã de ouro que ele estava procurando.

31. Maravilhado, ele olhou para cima e viu, voando, os dois urubus que ele havia ajudado. Os urubus disseram:

32. — Nós voamos por muitos quilômetros para encontrar a maçã que você procurava.

33. O criado agradeceu muito, voltou ao reino, casou-se com a princesa, que estava, então, amando aquele bravo jovem.

34. Eles se casaram e foram felizes para sempre.

BUYA MURUTINGA

1. Kuxiíma, paá, aikwé yepé muruxawa[29], kwawera retana, ukwáu waá panhẽ maã. Panhẽ marandúa usika nungara i xupé iwitú irumu.

2. Nhaã muruxawa urikú yepé sikusawa: muíri pituna aé upitá mirapewa[30] ruakí umbaú ana riré.

3. Mairamé ti ana yamaã nẽ awá suakí, aramé i miasúa urasú i xupé yepé darapí uyupupeka ana waá.

4. Yepé ara, paá, i miasúa, mawera, uyuyumimi, asuí uyuka darapí pupekasawa.

5. I kwara upé aikwé yepé buya mirĩ. Miasúa umuńuka i pisãwéra, umbaú aé.

6. Mairamé aé usuú buya pisãwéra, uyupirú usendú nheenga-itá merupí uri waá ukara suí.

7. Ape aé umaã mukũi parawá upurungitá waá.

8. Umbaú riré nhaã buya, aé ukwáu ana usendú puranga suú-itá nheenga.

9. Nhaã ara ramé tẽ, muruxawa-kunhã[31] anera[32] puranga piri waá ukanhemu. Mira-itá unheẽ miasúa umundá aé.

10. Yakangaíwa nungara, aé usú putiratiwa kití umaã arama maã taá maã umunhã.

29. muruxawa – rei, rainha
30. mirapewa – tábua; mesa
31. muruxawa-kunhã – rainha
32. anera – anel

11. Ape, paá, usendú mukũi ipeka[33] upurungitá waá. Yepé ipeka unheẽ amú supé:

12. — Adí, ixé ambaú manungara ti waá umunhã puranga ixé arama. Aé santá, yapuã yuíri.

13. Miasúa upitá surí ukwáu ramé ana maã uyusasá. Upisika ipeka, urasú aé memuisara supé, uyuká waá aé.

14. Anera uikú ipeka kwara upé. Ariré aé upisika anera, urasú aé muruxawa-kunhã supé.

15. Muruxawa umeẽ arama sikuyara i xupé, uxari miasúa uyururéu maã aé uputari waá.

16. Ape, aé uyururéu yepé kawarú[34], itayúa yuíri aé uwatá-watá arama iwí pawa rupí.

17. Miasúa upisika ana kawarú, asuí usemu umaã arama iwí.

18. Ape usuantí sapé rupí yepé ipawamirĩ[35] mamé uikú musapiri pirá usasemu waá pitimusawa[36] resé, umanú-putari waá i angaíma.

19. Aramé, miasúa upituú, uyapí aintá paranã kití.

20. Pirá-itá usú ana, asuí unheẽ: — Kwekatú reté! Indé repisirú yandé.

21. Usú ana uikú sapé rupí mairamé umaã mukũi urubú mirĩ uyaxiú waá yumasisawa resé maãresé ti rẽ aintá ukwáu uwewé usikari arama timbiú.

22. Aramé aé uwiyé kawarú suí, uyuká aé, umeẽ sukwera urubú mirĩ–itá supé, umukwekatú waá-itá aé.

23. Miasúa usú ana sapé rupí i pí-itá pupentu.

24. Usasá riré musapiri muruxawa retama rupí, usika ana yepé muruxawa retama upé mamé aikwé yepé yusaãsáwa[37], i museranasara waá umendari maã muruxawa rayera irumu.

25. Umuserana arama, aintá urikuté umunhã maã-itá iwasú retana. Uyupirú arama: aintá urikuté uwasemu yepé anera muruxawa uyapí ana waá kwera yepé paranãwasú upé.

26. Ti pukusawa ukwau mayé umunhã nhaã, pirasúa uwiké paranã-me, sarusawaíma.

33. ipeka – pato
34. kawarú – cavalo
35. ipawamirĩ – laguinho, poça
36. pitimusawa – ajuda
37. yusaãsáwa – competição

27. Aramé uri pirá-itá aé upisirú ana waá, aintá umeẽ anera i xupé, aintá umunhã aé umuserana sapixara-itá.

28. Ma muruxawa rayera ukwáu-putari sá nhaã kurumiwasú kirimbawa tẽ. Aramé, uyururéu i suí:

29. — Resú ana té sikwesawa mirá, asuí reruri masã[38] itatawá suiwara.

30. Ti pukusawa ukwau supí tendawa mamé nhaã mirá uikú, miasúa uwatawatá siía ara pukusawa, aramé umuyari i kupé yepé mirá resé, ape tẽ uwari i akanga resé masã itatawá suiwara aé usikari uikú waá.

31. Yakanhemu ana, umaã iwaté kití, umaã uwewé nhaã mukũi urubú aé upitimú[39] ana waá. Urubú-itá unheẽ:

32. — Yandé yawewé siía kirumetru rupí yawasemu arama masã indé resikari waá.

33. Miasúa umukwekatú retana, uyuíri muruxawa retama kití, umendari muruxawa rayera irumu, usaisú waá nhaã kurumiwasú kirimbawa.

34. Aintá uyumendari, aintá uikú surí yawewara waá tẽ.

12. O SENHOR DAS ONÇAS

(Tradução para o nheengatu de **Miguel Bevilaqua Fagá.**)

1. Conta-se que, quando os animais ainda falavam, havia uma grande região onde morava uma família de onças.

2. O Senhor das Onças, cujo nome é Tatamirim, era o chefe, a onça mais valente de todas.

3. Sua esposa era Iraci. Ela era tão bela quanto a Lua.

4. Dizem que, um dia, nasceu o filho de Tatamirim, cujo nome era Jupira. Tatamirim ficou muito feliz.

5. Todos os animais habitantes daquela região foram ver a pequena onça para cumprimentá-la.

6. Eles vieram da mata, do rio e também do céu.

38. masã – maçã
39. pitimú – ajudar

7. Alguns anos depois, Tatamirim levou Jupira, bem de manhãzinha, a uma pedra alta. Lá ele disse:

8. — Eis a Pedra do Rei. Daqui muitos reis-onças olharam nossa terra para governar os outros animais.

9. Tudo isto que o sol faz brilhar é a nossa terra. Um dia, você se sentará aqui.

10. Contam que Jaguanharõ, o tio mau de Jupira, espiou-os e, depois, irritou-se, porque ele queria sentar-se sobre a Pedra do Rei.

11. Por causa disso, ele decidiu matar seu irmão.

12. Então, contam que Jaguaranhõ aproximou-se rapidamente deles e empurrou Tatamirim, que caiu da Pedra do Rei.

13. Dizem que Jupira gritou de medo e depois fugiu para mata. Ele correu durante muitos dias para se esconder em meio à mata.

14. Seu pai, chefe dos animais, morrera. Seu tio era o novo rei.

15. Conta-se que Jupira cresceu longe e sem sua família.

16. Numa tarde, enquanto caminhava perto do igarapé, encontrou inesperadamente sua amiga de infância, uma onça cujo nome era Tainá. Ela disse a ele:

17. — Por que você fugiu? Ninguém está feliz agora. Jaguaranhõ é um rei ruim!

18. Diz-se que Jupira teve vergonha porque ele sumira durante muito tempo de sua terra. Então, ele decidiu voltar para lá.

19. Quando chegou, contam que viu sua terra sem felicidade. Ele queria salvar sua terra, seus amigos e os animais.

20. Então ele foi falar com Jaguaranhõ. Ele enfureceu-se com o filho de seu irmão.

21. Eles começaram a brigar violentamente.

22. Jupira era valente e batia em seu tio. Jaguanharõ era covarde e o arranhava e, depois, acendeu fogo.

23. Tudo queimou rápido. Jupira foi ajudar seus amigos e sua família.

24. Contam que a Pedra do Rei esquentou-se e, nesse momento, Jaguanharõ caiu dela e morreu queimado.

25. Por sua valentia, Jupira tornou-se o novo Senhor das Onças naquela terra.

26. Dizem que, por isso, ela acordou feliz.

YAWARETÉ-ITÁ YARA

1. Mairamé, paá, suú-itá upurungitá rẽ, aikwé, paá, yepé tetamawasú mamé umurari yawareté-itá, anama waá-itá.

2. Yawareté Yara, sera waá Tatamirĩ, aé tuixawa, yawareté kirimbawa piri waá.

3. Ximiriku Irasi. Aé puranga mayé yasí yawé.

4. Yepé ara, paá, unaséri Tatamirĩ raíra, sera waá Yupira. Tatamirĩ upitá ana surí retana.

5. Panhẽ suú nhaã tetamawara usú ana umaã yawareté mirĩ umumurã[40] arama aé.

6. Aintá uri ana kaá suí, paranã suí, iwaka suí yuíri.

7. Yepéyepé akayú riré, Tatamirĩ urasú Yupira, kwemaeté, yepé itá iwaté waá kití. Mimi aé unheẽ:

8. — Xukúi Muruxawa Itá. Kwá suí siía Muruxawa-yawareté umaã ana yané retama umundú arama amú suú-itá.

9. Kwá pawa kurasí umusendí waá yané retama. Yepé ara kurí, indé rewapika iké.

10. Yawanharũ, paá, Yupira tutira puxí, umanhana aintá, asuí i piaíwa maãresé aé uputari yepé uwapika Muraxawasú Itá árupi.

11. Kwá resewara, aé uputari ana uyuká i mũ.

12. Ape, paá, Yawaranhũ usika ana kutara aintá ruakí, asuí umayana Tatamirĩ, uwari waá Muruxawa Itá suí.

13. Iupira, paá, usasemu ana sikiesawa resé, ariré uyawáu kaá kití. Aé uyana siía ara pukusawa uyuyumimi arama kaá pitérupi.

14. I paya, suú-itá ruixawa, umanú ana. I tutira, kuíri, muruxawa pisasú ana.

15. Yupira, paá, uyumunhã apekatú, i anamaíma.

40. mumurã – cumprimentar, saldar

16. Yepé karuka ramé, uwatawatá pukusawa igarapé ruakí, ti waá upé usarú aé usuantí sumuára aé taína ramewara rẽ, yepé yawareté-kunhã sera waá Tainá. Aé unheẽ i xupé:

17. — Marã taá indé reyawáu? Nẽ awá uikú surí kuíri. Yawaranhũ yepé muruxawa puxí!

18. Yupira, paá, utĩ maãresé aé ukanhemu ana setama suí siía akayú pukusawa. Aramé aé uputari ana uyuíri setama kití.

19. Usika ramé, paá, umaã setama surisawaíma. Aé uputari upisirú setama, sumuára-itá, suú-itá yuíri.

20. Ape aé usú ana upurungitá Yawanharũ irumu. Aé i piaíwa ana i mũ raíra irumu.

21. Aintá uyupirú umaramúnhã santá.

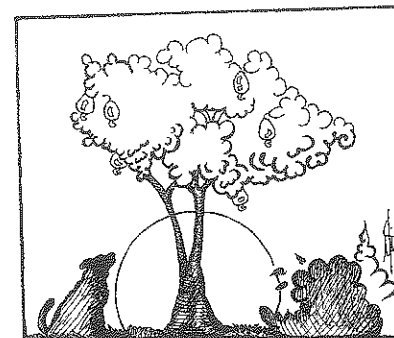
22. Yupira kirimbawa; aé unupá i tutira. Yawanharũ pitúa, ukarãi aé, asuí umundeka ana tatá.

23. Panhẽ maã ukái ana kutara. Yupira usú ana upitimú[41] sumuára-itá i anama-itá yuíri.

24. Muruxawa Itá, paá, uyumusakú, aramé Yawaranhũ uwari i suí, asuí umanú uyusapí pawá resé.

25. I kirimbasawa resewara, Yupira uyeréu pisasú Yawareté Yara nhaã tetama upé.

26. Aresé, paá, aé upaka ana surí.

41. pitimú – ajudar

13. O CÃO E O CAJUEIRO

(Adaptação de fábula de Fedro.
Tradução para o nheengatu de **Marília Yuri Otsuka**.)

1. Dizem que, antigamente, um cão estava muito faminto. Ele não tinha comida em sua casa.
2. O cão saiu da sua toca e foi para a mata procurar comida.
3. Ele passou pelo rio. Depois encontrou na mata um cajueiro.
4. Ele correu alegremente para aquele cajueiro.
5. Contam que havia muitos cajus na árvore. Mas ele não conseguiu colhê-los.
6. O cão não tinha uma faca para colhê-los. Ele também não tinha uma escada para pegá-los.
7. Ele quis arrancar a árvore do chão. Ele empurrou muito aquela árvore, mas nenhum caju caiu. O cão ficou muito bravo.
8. Então, ele disse ao cajueiro:
9. — Eu não queria nada, mesmo!
10. Moral da história: Às vezes, quem não pode ter o que quer, desvaloriza-o.

YAWARA AKAYÚ-IWA IRUMU

1. Kuxiíma, paá, yepé yawara yumasí retana uikú. Aé ti urikú timbiú suka upé.
2. Yawara usemu suka suí asuí usú kaá kití usikari arama timbiú.
3. Aé usasá paranã rupí. Asuí, uwasemu yepé akayú-iwa kaá upé.
4. Aé uyana surí nhaã akayú-iwa kití.
5. Aikwé, paá, siía akayú mirá resé. Ma aé ti upuú-kwáu aintá.
6. Yawara ti urikú yepé kisé upuú arama aintá. Aé ti urikú yuíri yepé mitamitá[42] upisika arama aintá.
7. Aé umusaka-putari mirá iwí suí. Aé umayana retana nhaã mirá, ma nẽ yepé akayú uwari. Yawara i piaíwa retana.
8. Aramé tẽ aé unheẽ akayú-iwa supé:
9. — Ixé ti tẽ aputari nẽ maã!
10. Marandúa mbuesawa: Amuramé, awá ti urikú-kwáu maã uputari waá, umukwaíra aité kwá maã.

42. mitamitá – escada

14. A ONÇA E O VEADO

(Adaptação de fábula de Fedro.
Tradução para o nheengatu de **Marcello Zanfra**.)

1. Contam que a onça e o veado foram para um rio. Ali ela ficou perto do veado.
2. Mais para cima estava a onça e, abaixo e mais afastado, o veado.
3. Então, a onça disse ao veado:
4. — Por que deixaste agitada a água que eu vou beber?
5. O veado, com medo, respondeu:
6. — Como posso fazer o que estás dizendo, onça? A água corre de onde tu estás para onde eu estou.
7. Quando ela sentiu a verdade, disse:
8. — Há seis meses falaste mal de mim.
9. Respondeu o veado:
10. — Em verdade, não tinha nascido ainda. A onça disse:
11. — Por Deus! Então teu pai falou mal de mim.
12. E, assim, dizem que matou o veado injustamente.
13. Esta fábula ensina que é muito fácil oprimir quem é mais fraco, com argumentos falsos.

YAWARETÉ SUASÚ IRUMU

1. Yawareté, suasú yuiri, paá, usú ana yepé paranã kití. Mimi aé upitá suasú ruakí.
2. Yawareté uikú paranã apira kití xinga, suasú apekatú xinga uikú, tumasawa kití.
3. Aramé yawareté unheẽ suasú supé:
4. — Marã taá remugapenú ii ixé aú waá kurí?
5. Suasú, sikiesawa irumu, usuaxara:
6. — Mayé taá amunhã-kwáu maã renheẽ reikú, yawareté? Ií uyana masuí reikú makití ixé aikú.
7. Mairamé aé usaã supisawa, unheẽ:
8. — Aikwé yepé-pú-yepé yasí repurungitá puxí se resewara.
9. Suasú usuaxara:
10. — Supisá-pe, aramé ixé ti rẽ anaséri. Yawareté unheẽ:
11. —Tupana rupí! Aramé ne paya upurungitá puxí se resewara.
12. Yawé, paá, uyuká suasú satambikaimasawa rupí.
13. Kwá marandúa umbué iwasuíma retana yakamirika awá pitúa piri yané suí purungitasawa gananiwera irumu.

15. AS ÁRVORES E O MACHADO

(Conto amazônico.

Versão para o nheengatu de **Lucas Blaud Ciola**.)

1. Dizem que, no passado, um lenhador foi à floresta para pedir às árvores um galho para seu machado.
2. As árvores viram que não era difícil ajudar aquele lenhador.

3. Naquele momento, elas fizeram o que ele havia pedido.
4. As árvores quiseram que o pau-brasil, uma árvore bondosa, dócil e comum, desse o que o lenhador estava precisando.
5. Mas, dizem que, assim que ele pegou seu galho, ele fez seu machado e começou a bater e a tirar todas as árvores que encontrava, matando muitas que eram belíssimas.
6. Uma samaúma, quando viu aquela tristeza, chamou o Curupira para ajudar as árvores.
7. Imediatamente, o Curupira transformou o machado em mosca e o lenhador transformou-o numa árvore.
8. Eis o que é aquela mosca: é o carapanã. Eis o que é aquela árvore: é a carapanaúba.

MIRÁ-ITÁ JÍ IRUMU

1. Kuxiíma, paá, yepé yepeáwa munhangara usú kaá kití uyururéu arama mirá-ita suí yepé sakanga i jí arama.
2. Mirá-itá umaã ti iwasú aintá upitimú nhaã yepeáwa munhangara.
3. Aramé tẽ, aintá umunhã maã aé uyururéu waá.
4. Mirá-itá uputari ana mirá-piranga, yepé mirá katú, seẽ, ikewara waá, umeẽ maã nhaã yepeáwa munhangara uputari uikú.
5. Ma aé, paá, upisika ramé ana sakanga, umunhã i jí, asuí uyupirú utuká, umusaka panhẽ mirá usuantí waá, uyuká siía puranga retana waá.
6. Yepé samaúma, umaã ramé nhaã sasisawa, usenũi Kurupira upitimú arama mirá-itá.
7. Yeperesé, Kurupira umuyeréu i jí merú arama, asuí umuyeréu yepeáwa munhangara yepé mirá arama.
8. Xukúi nhaã merú: karapanã. Xukúi nhaã mirá: karapanã-iwa.

16. DE QUANTA TERRA PRECISA UM HOMEM?

(Conto de Tolstoi, adaptado.
Tradução para o nheengatu de **Ana Horiuchi**.)

1. Durante o nascer do sol, à margem de um rio, um velho disse a um homem:
2. — Você vê toda esta terra? Até onde sua vista chegar, ela é minha. Agora lhe dou a terra que precisar.
3. Vá até onde for suficiente para você, mas volte antes de chegar a noite.
4. O homem escutou as palavras do velho. Queria plantar cana-de-açúcar e ter bois para ficar muito rico.
5. Não perguntou nada ao velho e correu para onde o sol nasce.
6. O capim estava úmido, molhando os pés daquele homem, sem que ele o visse.
7. O sol já tinha andado metade do seu caminho quando o homem olhou para trás.
8. A margem do rio, onde o velho ficara, ainda estava perto.
9. — Se eu correr, terei muita terra. Enquanto corria, pensava em tornar-se rico com aquela terra.
10. Olhava para trás, correndo, medindo a distância até onde o velho tinha ficado.
11. O homem não olhava para o céu, não olhava para o chão que pisava.
12. Sonhava com as riquezas que devia fazer naquela terra.
13. Quando olhou o rio mais uma vez, viu que a tarde estava para acabar. O sol se aproximava do rio.
14. Não poderia ir além. Queria voltar para onde o velho estava, antes do anoitecer.
15. Fincou sua faca na terra e voltou, correndo para o lado do sol novamente.
16. Pediu ao sol:
17. — Espere! Não suma antes que eu esteja com o velho!

18. Ele estava cansado. Não almoçara para correr mais. O desejo de riquezas tirara a sua fome.
19. O sol vermelho estava sumindo quando o velho viu o homem que se aproximava.
20. O velho viu o homem cair no chão antes que ele chegasse à margem do rio.
21. O velho andou até o homem morto e carregou-o até onde ele fincara sua faca na terra.
22. Fez um buraco para enterrá-lo.
23. — Eu disse que daria para você a terra que precisasse. Mas você quis ficar rico e correu para ter muita terra.
24. Eu lhe dou esta cova, da qual você precisa agora.

MUÍRI IWÍ TAÁ USIKA YEPÉ APIGAWA SUPÉ?

1. Kurasí usemu pukusawa, yepé paranã rembiwa upé, yepé tuyué unheẽ yepé apigawa supé:
2. — Remaã será kwá iwí pawa? Makití ne resá usika, aé se yara. Ameẽ kuíri indé arama iwí turususawa usika waá indé arama.
3. Resú té mamé usika indé arama, ma reyuíri pituna usika renundé.
4. Apigawa usendú tuyué nheenga-itá. Nhaã apigawa uputari uyutima muriseẽ[43], urikú-putari tapiíra-itá yuíri uyeréu arama rikusarawasú reté.
5. Nẽ maã upurandú tuyué suí, uyana makití kurasí usemu.
6. Kapiĩ i rurú xinga, umururú nhaã apigawa pi-itá, ti pukusawa aé umaã.
7. Kurasí uwatá ana té sapé pitérupi mairamé apigawa umaã sakakwera kití.
8. Paranã rembiwa mamé tuyué upitá waá kwera uikú rẽ suakí.
9. — Ayana ramé, arikú kurí iwí turusú. Uyana pukusawa, umaité uyeréu rikusarawasú nhaã iwí irumu.
10. Umaã sakakwera kití, uyana ramé, usaã uikú apekatusawa até mamé tuyué upitá waá kwera.

43. muriseẽ – cana-de-açúcar

11. Apigawa ti umaã iwaka kití, ti umaã iwí upirú waá kití.

12. I kérupi uikú maã-itá turusú irumu aé umunhã maã nhaã iwí upé.

13. Mairamé umaã paranã yuíri, umaã karuka upawa-putari ana. Kurasí usika ana paranã ruakí.

14. Aé ti maã usú-kwáu apekatú. Uyuíri-putari makití tuyué uikú pituna usika renundé.

15. Uyatiká[44] i kisé iwí upé asuí uyuíri, uyana kurasí rakakwera.

16. Uyururé kurasí suí:

17. — Resarú! Té rekanhemu aikú renundé tuyué irumu.

18. Aé maraári. Ti umbaú uyana arama piri. maã-itá turusú putarisawa uyuka i yumasisawa.

19. Kurasí piranga ukanhemu uikú ana mairamé tuyué umaã apigawa usika uikú waá suakí.

20. Tuyué umaã apigawa uwari iwí-pe usika renundé paranã rembiwa upé.

21. Tuyué uwatá apigawa ambira piri, urasú aé makití aé uyatiká ana i kisé iwí upé.

22. Umunhã yepé iwí kwara uyutima arama aé.

23. — Ixé anheẽ wana ameẽ maã indé arama muíri iwí usika waá indé arã. Ma indé reyeréu-putari rikusarawasú, reyana rerikú arama iwí turusú.

24. Ixé ameẽ indé arama kwá iwí kwara usika waá indé arã kuíri.

17. OS MÚSICOS DE BREMEN

(Conto dos Irmãos Grimm.

Tradução para o nheengatu de **Cauê dal Colletto A. T. da Silva**.)

1. Um homem tinha um cavalo que, havia muitos anos, ajudava-o a levar sacos pesados de milho ao moinho.

2. Mas aquele cavalo estava ficando velho e não podia mais trabalhar.

44. yatiká – fincar

3. Por isso, seu dono pensava em doá-lo.

4. Aquele animal, coitado, quando soube disso, ficou muito preocupado e fugiu para outra cidade, cujo nome era Bremen. Ele pensou assim:

5. — Eu serei músico naquela cidade.

6. Depois de caminhar um pouco, encontrou um cachorro que estava deitado na rua e que arquejava de cansaço. Perguntou-lhe:

7. — Por que estás tão cansado?

8. — Meu amigo, eu estou ficando velho. Cada dia fico mais fraco. Eu não posso caçar mais.

9. Por isso meu dono quer doar-me a outras pessoas, para me matarem.

10. Então, eu fugi, mas não sei como vou levar minha vida.

11. — Ah, o cavalo disse a ele, minha vida é como a tua.

12. Eu vou para Bremen porque quero tornar-me um músico. Vem comigo.

13. Eu toco flauta, tu sabes bater tambor.

14. O cachorro fez o que o cavalo dizia.

15. Eles não tinham andado muito quando encontraram um gato muito triste, que estava sentado no meio da rua.

16. — Por que essa tristeza, meu amigo?, eles dois perguntaram.

17. — Como eu serei feliz se minha vida está em perigo?, respondeu o gato.

18. Eu estou ficando velho, por isso eu prefiro estar sentado perto do fogo, caçando ratos.

19. Por essa razão, meu dono quer afogar-me.

20. — Vem conosco para Bremen, os outros responderam.

21. Tornar-nos-emos músicos e ganharemos muito dinheiro.

22. O gato, depois de pensar um pouco, concordou e acompanhou-os também.

23. Eles foram andando até que encontraram um galo que cantava tristemente e que subira numa cerca.

24. — Que acontece contigo, meu amigo?, eles três perguntaram.

25. — Amanhã o dono de minha casa terá visitas para comer consigo.

26. Então, ele quer colocar-me na panela para fazer comida.

27. Os outros disseram:

28. — Nós estamos indo para Bremen para nos tornarmos músicos.

29. Tu tens voz bonita. Que pensas de nos unirmos para fazermos um grupo de músicos?

30. Contam que o galo amou a ideia deles. Quis ir com eles.

31. Bremen ficava muito longe. Eles precisavam ficar numa mata para descansar à noite.

32. Contam que o cavalo e o cão deitaram-se sob uma grande árvore. O galo e o gato ficaram num galho da árvore.

33. O galo, que estava trepado muito alto, viu uma luzinha por entre as árvores, que vinha de uma pequena casa.

34. Contou-o a seus amigos e todos eles quiseram ir para lá porque eles não tinham bom abrigo na mata.

35. Eles começaram a caminhar para lá. Eles se aproximaram daquela luz. Então, chegaram àquela casa.

36. O cavalo apoiou-se com suas patas da frente no batente da janela.

37. O cachorro, que queria ver também, apoiou-se nas costas do cavalo; o gato subiu nas costas do cachorro; o galo voou para as costas do gato.

38. A uma mesa, eles viram quatro ladrões que estavam comendo e bebendo fartamente.

39. Eles começaram a pensar como fariam aqueles homens saírem daquela casa.

40. Conta-se, então, que começaram a fazer, juntos, barulho com suas vozes.

41. Depois, entraram na casa enquanto iam fazendo barulho.

42. Os ladrões pensaram ouvir barulho do diabo e fugiram.

43. Então, conta-se que aqueles quatro amigos sentaram-se e comeram tudo que havia na mesa.

44. Depois disso, eles procuraram um bom lugar para dormir.

45. O cavalo deitou-se sobre um monte de palha no terreiro, o cachorro deitou-se perto da porta, o gato dormiu perto do fogão, o galo subiu numa viga da casa.

46. Como eles estivessem muito cansados, logo dormiram.

47. Pouco depois da meia-noite, os ladrões, que viram a casa sem luz, quiseram voltar para lá.

48. O chefe dos ladrões disse a eles:

49. — Não tenham medo!

50. Então, conta-se que o chefe mandou um dos ladrões examinar aquela casa.

51. Quando chegou lá, ele entrou na cozinha para acender o fogo da candeia.

52. Como os olhos do gato brilham dentro da noite, o ladrão achou que os olhos dele eram como que tições.

53. Por isso, encostou nos olhos dele a candeia.

54. O gato ficou bravo e arranhou o rosto do ladrão.

55. Contam que o ladrão ficou assustado, correu para a porta dos fundos, mas o cachorro, que estava dormindo ali, acordou e mordeu sua perna.

56. O ladrão correu para fora. Quando passou perto do cavalo, este deu-lhe um coice.

57. O galo, que acordara por causa do barulho, gritou:

58. — Kó kó ró kóóóó!

59. Contam que o ladrão correu como um louco. Foi encontrar seus amigos e contou a eles:

60. — Dentro da casa há uma bruxa com olhos chamejantes, que me arranhou com suas unhas afiadas.

61. Perto da porta há um homem feio que cortou minha perna com uma faca pequena.

62. No terreiro há uma coisa ruim e preta, que me bateu com um pedaço de pau.

63. Finalmente, no telhado, está sentado um juiz, que gritou:

64. — Tragam para cá o ladrão!

65. Penso que é muito perigoso voltarmos para lá.

66. Então, aqueles ladrões nunca mais voltaram àquela casa.

67. Aqueles quatro músicos passaram bem ali, onde eles fizeram suas músicas, vivendo muito felizes.

68. Às vezes as pessoas chamam os habitantes da aldeia para escutar suas músicas.

BREMEN MUAPUSARA-ITÁ

1. Yepé apigawa urikú yepé kawarú upitimú[45] waá aé siia akayú rupí urasú awati matirí-itá[46] pusé itawawaka-ruka[47] kití.
2. Ma nhaã kawarú upitá uikú ana tuyué, ti ana upurakí-kwáu.
3. Yawe arã i yara umanduári umeẽ aé.
4. Nhaã suú, taité, ukwáu ramé nhaã, i piá uyukamirika reté asuí aé uyawáu amú tawa kití, sera waá Bremen. Aé umanduári kwayé:
5. — Muapusara kurí ixé nhaã tawa upé.
6. Uwatá riré xinga, uwasemu yepé yawara uyenú uikú waá pé upé, aé usikí i anga iwasusawa irumu aé maraári resewara. Upurandú i suí:
7. — Marã taá indé maraári retana?
8. — Se rumuára, ixé apitá aikú tuyué. Muíri ara apitá pitúa piri. Ixé ti ana akwáu akamundú.
9. Sesewara se yara umeẽ-putari ixé amú mira-itá supé aintá uyuká arama ixé.
10. Aramé ayawáu, ma ti akwáu mayé kurí arasú se rikwesawa.
11. — Ah, kawarú unheẽ i xupé, se rikwesawa mayé ne yara yawé.
12. Ixé asú Bremen kití maãresé ayeréu-putari yepé muapusara. Reyuri se irumu.
13. Ixé apeyú membí, indé rekwáu retuká tambura[48].

45. pitimú – ajudar
46. matirí – saco
47. itawawaka – mó; itawawaka ruka – moinho
48. tambura – tambor

14. Yawara, paá, umunhã ana maã kawarú unheẽ.
15. Aintá ti rẽ uwatá retana mairamé aintá usuantí yepé pixana sasiára reté, uwapika uikú waá pé pitérupi.
16. — Marã taá kwá sasiarasawa, se rumuára?, aintá mukũi upurandú.
17. — Mayé taá kurí se rurí se rikwesawa uikú ramé yawaitesawa upé?, usuaxara pixana.
18. Ixé apitá aikú tuyué, aresé ixé aputari piri awapika aikú tatá ruakí akamundú waá suí wawirú.
19. Sesewara, se yara umuyupipika-putari ixé.
20. — Reyuri yané irumu Bremen kití, amú-itá usuaxara.
21. Yayeréu kurí muapusara asuí yané murakí rikuyara yarikú kurí itayúa[49] turusú.
22. Pixana, umanduári riré xinga, umueré[50] asuí umuirumuára aintá yuíri.
23. Aintá uwatá usú uikú té usuantí yepé sapukaya-apigawa unheengari waá sasiára, uyupiri ana waá yepé kaisara[51] resé.
24. — Maã taá uyusasá ne irumu, se rumuára?, aintá musapiri upurandú.
25. — Wirandé kurí uri mira se ruka yara piri umbaú arama i irumu.
26. Aramé, aé umburi-putari ixé itanhaẽ[52] upé umunhã arama timbiú.
27. Amú-itá unheẽ:
28. — Yandé yasú yaikú Bremen kití yayeréu arama muapusara.
29. Ne nheenga puranga. Maã taá remaité yayumuatiri yamunhã arama yepé muapusara-itá muatirisawa?
30. Sapukaya apigawa paá uwasemu aintá manduarisawa puranga retana. Uputari ana usú aintá irumu.
31. Bremen upitá yepé apekatú retana. Aintá urikuté upitá yepé kaá upé upituú arama pituna ramé.
32. Kawarú yawara irumu, paá, uyenú mirá-wasú wírupe. Sapukaya-apigawa, pixana yuíri aintá upitá yepé mirá rakanga resé.

49. itayúa – dinheiro
50. mueré – concordar
51. kaisara – cerca
52. itanhaẽ – panela (de ferro ou de outro metal)

33. Sapukaya-apigawa, uyupiri ana waá iwaté retana kití, umaã mirá-itá pitera rupí yepé sendisawa mirĩ uri waá yepé uka mirĩ suí.

34. Umbeú sumuára-itá supé asuí panhẽ aintá uwatá-uputari ana akití maãresé aintá ti urikú mitasawa puranga kaá upé.

35. Aintá uyupirú uwatá akití. Aintá usika usú uikú nhaã sendisawa ruakí. Aramé, aintá usika ana nhaã uka upé.

36. Kawarú uyupitasuka i pú-itá senundewara pupé ukenamirĩ[53] rupitá resé.

37. Yawara, umaã-putari waá yuíri, uyupitasuka kawarú kupé resé; pixana uyupiri yawara kupé resé; sapukaya-apigawa uwewé pixana kupé ara kití.

38. Yepé mirapewa ruakí aintá umaã ana irundí mundawasú ukaú uikú waá, umbaú pukusawa timbiú turusú.

39. Aintá uyupirú umanduári mayé taá maã umusemu nhaã apigawa-itá nhaã uka suí.

40. Ape, paá, aintá uyupirú umunhã tiapú yepewasú ta nheenga-itá irumu.

41. Asuí, paá, aintá uwiké uka kití, umutiapú usú uikú pukusawa.

42. Mundawasú-itá umaité usendú yuruparí tiapú, asuí aintá uyawáu.

43. Aramé ana, paá, nhaã irundí sumuára uwapika, aintá umbaú pawa maã aikwé waá mirapewa resé.

44. Asuí, aintá usikari yepé tendawa puranga ukiri arama.

45. Kawarú uyenú pindawatiwa[54] árupi ukara upé, yawara uyenú ukena ruakí, pixana ukiri tatarendawa ruakí, sapukaya-apigawa uyupiri yepé uka-iwa resé.

46. Mayé aintá maraári retana uikú, yeperesé aintá ukiri ana.

47. Pisayé[55] riré xinga, mundawasú-itá, umaã waá-itá uka turiíma, uyuíri-putari ana akití.

48. Mundawasú-itá ruixawa unheẽ aintá supé:

49. — Té pesikié!

50. Ape, paá, tuixawa umundú yepé mundawasú uxipiá[56] arama nhaã uka.

53. ukenamirĩ – janela
54. pindawa (*ou* pinawa) – palha
55. pisayé – meia-noite
56. xipiá – ver, examinar

51. Usika ramé ape, aé uwiké memuitendawa upé umundeka arama kandéa ratá.

52. Mayawé pixana resá uwerá pituna ramé, mundawasú umaité sesá tatasikwera[57] nungara.

53. Aresé, umuyari kandéa sesá resé.

54. Pixana i piaíwa ana, asuí ukarãi mundawasú ruá.

55. Mundawasú, paá, yakanhemu, asuí uyana uka-kupewara ukena kití, ma yawara, ukiri uikú waá mimi, upaka, asuí usuú setimã.

56. Mundawasú uyana ukara kití. Usasá ramé kawarú ruakí, aité unupá aé i pí-itá pupé.

57. Sapukaya-apigawa, upaka ana waá tiapú resewara, usasemu:

58. — Ko kó ró kóóóó!

59. Mundawasú uyana, paá, mayé yepé yakangaíwa waá yawé. Usú usuanti sumuára-itá asuí umbeú aintá supé:

60. — Uka kwara upé aikwé yepé matiára sesá waá tatá suiwara, ukarãi waá ixé i puãpé saimbé irumu.

61. Ukena ruakí aikwé yepé apigawa puxiwera umunuka waá se retimã yepé kisé mirĩ irumu.

62. Ukara upé aikwé yepé maã puxí, pixuna waá, unupá waá ixé yepé mirá pisãwéra irumu.

63. Pausá-pe, uka pupekasara resé uwapika uikú yepé mirarekwarasú[58], usasemu waá:

64. — Peruri kwá kití kwá mundawasú!

65. Amaité yawaité retana yayuíri akití.

66. Ape nhaã mundawasú-itá nẽ mairamé ana uyuíri nhaã uka kití.

67. Nhaã irundí muapusara usasá puranga tẽ mimi, mamé aintá umunhã aintá muapusawa-itá, aintá uikú surí retana.

68. Amuramé mira-itá usenũi tawapura-itá usendú arama aintá muapusawa.

57. tatasikwera – tição
58. mirarekwarasú – juiz

18. AS LÁGRIMAS DE POTIRA

(Lenda indígena brasileira.

Tradução para o nheengatu de **Marizabel Bombarda Vezzani**.)

1. Contam que, antigamente, havia muitos indígenas que moravam em aldeias.
2. Em uma daquelas aldeias morava uma moça cujo nome era Potira e, em outra aldeia, morava o jovem Araruna.
3. Araruna, bravo guerreiro, amava Potira. Potira também amava Araruna. Então, eles se casaram.
4. Araruna caçava onças e macacos, enquanto Potira fazia comida. Cozia mandioca, peixe e beijus.
5. Um dia, Araruna embarcou para a guerra em uma canoa, com outros homens.
6. Mas Potira não chorou como as outras mulheres.
7. Então, todos os dias, depois do trabalho, ficava olhando o rio e esperando Araruna voltar em sua canoa. Só chegava a sua casa à noite.
8. Um dia, dizem que a araponga cantou na floresta, não para contar que não viria a chuva, mas para contar que Araruna não voltaria mais para casa.
9. Araruna havia morrido na guerra. Pela primeira vez, Potira chorou.
10. Ficou triste à beira do rio e nunca mais falou.
11. As lágrimas de Potira endureciam quando caíam na água do rio.
12. Dizem que Tupã fez suas lágrimas tornarem-se diamantes.
13. Por isso, ninguém se esqueceu nunca do amor deles.

PUTIRA RESAYUKISÉ

1. Kuxiíma, paá, aikwé siía tapuya[59] umurari waá tendawá-itá upé.
2. Yepé tendawa upé umurari yepé kunhãmukú sera waá Putira, amú tendawa upé umurari kurumiwasú Araruna.
3. Araruna, maramunhangara kirimbawa, usaisú Putira. Putira usaisú aé yuíri. Aramé, aintá uyumendari.
4. Araruna ukamundú[60] yawareté-itá, makaka-itá yuíri; Putira umunhã timbiú. Umemũi maniáka, pirá-itá, meyú-itá yuíri.
5. Yepé ara, paá, Araruna uyuruári yepé igara upé amú-itá apigawa irumu, usú arama maramunhangawa kití.
6. Ma Putira ti uyaxiú mayé amú kunhã-itá yawé.
7. Ape, muíri ara, purakisawa riré, aé upitá yepé umaãntu paranã, usarú Araruna uyuíri i igara upé. Usikawera suka upé pituna ramentu.
8. Yepé ara, paá, wirapunga unheengari kaá upé ti maã umbeú arama amana ti maã uri, ma umbeú arama, supí, Araruna ti ana maã uyuíri suka kití.
9. Araruna umanú ana maramunhangawa upé. Í[61] yepesawa rupí, Putira uyaxiú.
10. Upitá sasiára paranã rembiwa upé, asuí nẽ mairamé ana upurungitá.
11. Putira resayukisé-itá uyumusantá mairamé uwari paranã ii upé.
12. Tupana, paá, umuyeréu sesayukisé-itá itawerawaté[62] arama.
13. Sesewara, nẽ awá sesarái nẽ mairamé aintá saisusawa suí.

59. tapuya – indígena
60. kamundú – caçar
61 Í – vez
62. itawerawaté – diamante (itá +werawa + eté – pedra que reluz muito)

19. O PESCADOR FLAUTISTA

(Fábula de Esopo.
Tradução para o nheengatu de **Camilla de Rezende**.)

1. Um pescador que gostava mais de música que de rede começou a tocar a sua flauta quando viu peixes no rio.
2. Ele pensou que os peixes pulariam para a margem do rio quando o ouvissem.
3. Quando viu que os peixes ficaram dentro d'água, o pescador pegou uma rede e pescou muitos peixes, arrastando-os para a terra.
4. Quando viu os peixes que estavam pulando e que estavam batendo suas caudas na margem do rio, ele alegrou-se e disse:
5. — Porque vocês não quiseram dançar a música da minha flauta, eu não vou permitir que vocês dancem agora.

PISAITIKASARA MEMBÍ MUAPUSARA

1. Yepé pisaitikasara usaisú waá piri muapusawa pisá suí, uyupirú umuapú i membí umaã ramé pirá-itá paranã-me.
2. Aé umaité pirá-itá upuri maã paranã rembiwa kití aintá usendú ramé aé.
3. Umaã ramé pirá-itá upitá rẽ ipípe, pisaitikasara upisika ana yepé pisá asuí upisaitika siía pirá, usikí aintá iwí kití.
4. Umaã ramé pirá-itá upuri uikú waá, utukatuká waá aintá ruáya paranã rembiwa upé, aé surí ana upitá asuí unheẽ:
5. —Ti resewara pepurasí-putari aramé se membí muapusawa, ixé ti kurí axari pepurasí kuíri.

20. A LENDA DO TAMBATAJÁ

(Lenda amazônica.
Tradução para o nheengatu de **Munique Peralta Fortunato**.)

1. Dizem que havia, antigamente, no meio do povo macuxi, um homem muito valente que nada temia.
2. Um dia, esse homem viu uma moça muito bonita de outra aldeia. Ele sentiu em seu coração que desejava essa bela moça.
3. Logo eles se casaram e viveram muito felizes juntos.
4. Contam que, um dia, porém, essa bela moça passou mal e não pôde mais andar.
5. Nesse momento, então, o valente homem, para estar junto de sua esposa, fez uma rede para amarrar essa mulher doente nas suas costas, porque não queria separar-se de seu amor.
6. Ele levava sua esposa a todo lugar em que andava.
7. Dizem, porém, que um dia esse bravo homem sentiu que sua rede estava mais pesada.
8. Quando desamarrou sua rede de suas costas, ele ficou muito triste porque viu que sua esposa morrera.
9. Contam que, nesse momento, o homem caminhou até a floresta para fazer uma cova às margens do igarapé.

10. Depois disso, dizem que se enterrou junto com sua esposa nesse buraco porque não queria mais viver sem seu amor.
11. Dizem que, depois que algumas luas passaram, a lua cheia chegou.
12. Naquele mesmo lugar começou a nascer do chão uma planta muito bonita, que ninguém conhecia na tribo macuxi.
13. Essa planta tem folhas verdes escuras e tem uma pequena folha em seu verso. Seu formato é parecido com um órgão genital feminino.
14. Contam que os dois macuxis, homem e mulher, transformaram-se nessa bela planta.
15. Essa planta, símbolo do grande amor dos dois macuxis, o nome dela é *tambatajá*.

TAMBATAYÁ MARANDÚA

1. Aikwé, paá, kuxiima mira Makuxí pitérupi, yepé apigawa kirimbawa ti waá usikié nẽ maã suí.
2. Yepé ara, paá, nhaã apigawa umaã yepé kunhãmukú puranga retana amú tetamawara. Aé usaã i piá upé aé uputari nhaã kunhãmukú.
3. Yeperesé aintá uyumendari, aintá uikú surí retana yepewasú.
4. Ma yepé ara, paá, nhaã kunhãmukú puranga usasá puxiwera, asuí ti ana uwatá-kwáu.
5. Aramé katú, apigawa kirimbawa, uikú arama ximirikú irumu, umunhã yepé makira upukwari arama nhaã kunhã masí i kupé upé, maãresé tí utirika-putari i saisusawa suí.
6. Aé urasú ana ximirikú panhẽ tendawa kití marupí aé uwatá.
7. Ma yepé ara, paá, nhaã apigawa kirimbawa usaã i makira i pusé xinga.
8. Mairamé aé uyuráu i makira i kupé suí, upitá sasiára retana mãaresé umaã ximirikú umanú ana.
9. Aramé, paá, apigawa uwatá kaá kití umunhã arama yepé iwí kwara igarapé rembiwa upé.
10. Ariré, paá, aé uyuyutima nhaã iwí kwara upé ximirikú kwera irumu ti resé uputari sikwé i saisusawaíma.

11. Yepeyepé yasí usasá riré, paá, yasí suawasú usika ana.
12. Nhaã tendawa upé tẽ uyupirú usiní iwí suí yepé tayá nungara puranga retana, nẽ awá ukwáu waá makuxí-itá pitérupi.
13. Nhaã tayá urikú sawa suikiri-pixuna, urikú yuíri yepé sawa mirĩ i kupé resé. Sangawa yepé kunhã ramatiã nungara.
14. Mukũi, paá, makuxí, yepé apigawa yepé kunhã irumu, aintá uyeréu nhaã tayá puranga arama.
15. Nhaã tayá, mukũi-itá makuxí saisusawa turusú rangawa waá, sera *tambatayá*.

21. A LENDA DO BESOURO

(História contada em 1992 pelo Padre Luiz Alcione Grilo, de Cunha, SP. Tradução para o nheengatu de **Eulógio Martinez**.)

1. Conta-se que, antigamente, Tupã quis fazer uma tempestade maior que todas as outras.
2. Então, ele mandou um velho chefe fazer um navio de madeira para embarcar muitos animais.
3. Antes da tempestade, o velho chefe fez o navio que Tupã mandara fazer.
4. Então, Tupã chamou um boi, uma vaca, um cachorro, uma cadela, uma onça-macho, uma onça-fêmea, uma galinha, um galo, todos os animais dessa maneira.
5. Depois, dizem, o velho trouxe os animais para embarcá-los dentro do navio.
6. A chuva caiu violentamente durante três meses. A água da chuva inundou todas as coisas do mundo.
7. Os animais que ficaram no navio não morreram.
8. Após o fim do temporal, o velho colocou uma escada para os animais saírem do navio. Eles desceram de dois em dois dali.
9. À saída dos animais, o velho falou com eles. Ele disse assim:
10. — Anta, não nade em rio com piranhas.

11. — Urubu, espere o animal morrer para comê-lo.

12. — Coruja caburé, cace apenas durante a noite. Faça seu ninho em buraco de casa de cupim e em buraco na terra.

13. — Veado, fique longe da onça. Corra quando ela olhar para você.

14. — Jacaré, fique na margem do rio para comer os animais que vêm beber água.

15. — Tatu, esconda-se de dia.

16. — Veadinho, nunca fique longe de sua mãe.

17. — Macaco, pendure-se numa árvore quando a onça estiver perto de você.

18. — Passarinho, voe por cima do gavião quando ele quiser matar você.

19. — Cachorro, não morda o porco-espinho para não ferir sua boca.

20. O besouro empurrou sua esposa pela escada. Ele disse:

21. — Vamos para a terra. Eu não quero ouvir aquele velho gagá.

22. Por isso, o besouro passa mal. Ele mora embaixo de bosta de boi. Ele fica batendo na parede da casa quando está voando.

23. Cai de costas no chão e depois não sabe mais se virar. Coitado!

24. O besouro não aprendeu a lição do velho chefe.

25. É bom, ó sim, aprendermos a lição dos velhos.

UNA[63] MARANDÚA

1. Kuxiíma, paá, Tupana umunhã-putari yepé amanawasú, turusú piri panhẽ amú-itá suí.

2. Aramé aé umundú yepé tuixawa tuyué umunhã yepé marakatĩ[64] mirá suiwara uruári arama siía suú.

3. Amanawasú renundé, tuixawa tuyué umunhã marakatĩ Tupana umunhã-kari[65] waá.

63. una – besouro
64. marakatĩ – navio, barco
65. O verbo *-kari* só se usa com outro verbo incorporado nele e significa *mandar*: munhã-kari – mandar fazer

4. Ape, paá, Tupana usenũi yepé tapiira, yepé tapiíra-kunhã, yepé yawara, yepé yawara-kunhã, yepé yawareté, yepé yawareté-kunhã, yepé sapukaya, yepé sapukaya-apigawa, yawé tẽ panhẽ amú suú-itá irumu.

5. Asuí, paá, tuixawa ururi suú-itá uruári arama aintá marakatĩ kwara upé.

6. Amana uwari kirimbawa musapiri yasí pukusawa. Amana ií umuyupipika ana panhẽ maã iwiwara waá.

7. Suú-itá upitá waá marakatĩ upé ti umanú.

8. Amanawasú pausawa riré, tuixawa umburi ana yepé mitamitá[66] suú-itá usemu arama marakatĩ suí. Aintá uwiyé mukũi-mukũi misuí.

9. Suú-itá usemu pukusawa, tuyué upurungitá aintá irumu. Aé unheẽ kwayé:

10. – Tapiira, té rewitá paranã-me piranha-itá irumu.

11. – Urubú, resarú suú umanú rembaú arama aé.

12. – Kauré, rekamundú[67] anhũ pituna ramé. Remunhã ne ruka kupií ruka kwera upé, iwí kwara upé yuíri.

13. Suasú, repitá apekatú yawareté suí. Reyana mairamé aé umaã ne resé.

14. – Yakaré, repitá paranã rembiwa upé rembaú arama suú-itá uri waá uú arama ií.

15. – Tatú, reyuyumimi ara ramé.

16. – Suasumirĩ, nẽ mairamé repitá apekatú ne manha suí.

17. – Makaka, reyatikú mirá resé mairamé yawareté uikú ne ruakí.

18. – Wiramirĩ, rewewé wirawasú ara rupí mairamé aé uyuká-putari indé.

19. – Yawara, té resuú kwandú ti arama remuperewa ne yurú.

20. Una umayana ximirikú mitamitá rupí. Aé unheẽ:

21. – Yasú iwí kití. Ixé tí aputari asendú nhaã tuyué akangaíwa nungara.

22. Sesewara, una usasá puxiwera. Aé umurari tapiíra riputí wirupi. Aé uyutukatuká uka rupitá resé mairamé uwewé uikú.

23. Aé uwari, i kupé upitá iwí kití, asuí ti ana uyeréu-kwáu. Taité!

24. Una ti uyumbué tuixawa tuyué mbuesawa.

25. Puranga tẽ, supí, yayumbué tuyué-itá mbuesawa.

66. mitamitá – escada
67. kamundú – caçar

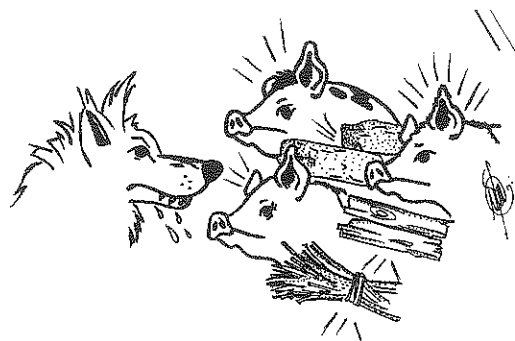
22. O CÃO E O LOBO

(Conto dos Irmãos Grimm.
Tradução para o nheengatu de **Ana Carolina Borgato**.)

1. Sultão era um cachorro muito bonito. Ele vigiava com bravura a chácara onde morava, cuidando das ovelhinhas e das outras criações.
2. Com os anos, porém, Sultão foi ficando preguiçoso e não queria correr muito.
3. Ele ficava deitado durante muitas horas e não queria levantar-se nem para comer.
4. Seu dono ficou cansado da preguiça de Sultão e mandou-o embora.
5. Sultão saiu andando, sem saber para onde ir. Depois de andar muito, cansado e com fome, deitou-se no capim para descansar.
6. Um lobo que passava por ali, vendo Sultão tão triste, perguntou:
7. — Por que você está assim tão triste, amigo cachorro? Sultão respondeu:
8. — Meu dono mandou-me embora porque estou muito preguiçoso para caçar e vigiar sua chácara.
9. O lobo teve uma ideia para ajudar aquele cão.
10. — Hoje à noite vou fingir roubar uma ovelha. Você faz de conta que se enfurece e eu saio correndo.
11. Seu dono vai querer você novamente.
12. Como disseram, à noite Sultão e o lobo retornaram à chácara para aquela encenação.
13. O dono de Sultão, ouvindo a gritaria, correu para o terreiro e viu seu cachorro que defendia as ovelhas das garras do lobo.
14. Seu dono abraçou-o e disse:
15. — Nunca mais você vai embora daqui!
16. O cão ficou na chácara e voltou a proteger as ovelhas, vivendo feliz.
17. O lobo ficou seu amigo e, durante a noite, vai para junto dele.

YAWARA YAWARASÚ[68] IRUMU

1. Sultão yepé yawara puranga reté. Aé umanhana kirimbawa tendawa mamé aé umurari, umukaturu suumé[69]-mirĩ-itá, amú mimbawa-itá yuíri.
2. Ma akayú-itá irumu, Sultão upitá usú uikú yatimamanha, ti ana uputari uyana retana.
3. Aé uikupukú ana uyenú, ti uputari upuãmu nẽ tẽ umbaú arama.
4. I yara i kweré ana Sultão atimasawa suí, asuí umpú ana aé.
5. Sultão usemu uwatawatá, ti pukusawa ukwáu makití usú. Uwatá retana riré, maraári, yumasisawa irumu, uyenú kapiĩ upé upituú arama.
6. Yepé yawarasú, usasá waá arupí, umaã Sultão sasiára, upurandú:
7. — Marã taá indé sasiára retana, se rumuára yawara? Sultão usuaxara:
8. — Se yara umpú ana ixé suka suí maãresé se atimamanha retana aikú akamundú arama, amanhana arama sendawa.
9. Yawarasú urikú ana yepé manduarisawa upitimú[70] arama nhaã yawara.
10. — Uií, pituna ramé, amunhãntu kurí amundá aikú yepé suumé. Indé remunhãntu kurí ne nhãrú, ixé ayawáu.
11. Ne yara uputari kurí indé yuíri.
12. Mayé tẽ aintá unheẽ waá kwera, pituna ramé Sultão yawarasú irumu uyuíri tendawa kití umunhã arama nhaã gananisawa.
13. Sultão yara usendú tiapuwasú, uyana ukara kití, umaã i yawara kwera upisirú[71] waá suumé-itá yawarasú puampé suí.
14. I yara uyumana aé, asuí unheẽ:
15. — Nẽ mairamé ana resú kwá suí.
16. Yawara upitá ana tendawa upé, umukaturu yuíri suumé-itá, uikú ana surí.
17. Yawarasú upitá ana sumuára arama, asuí pituna ramé usú i piri.

68. yawarasú – lobo
69. suumé – ovelha
70. pitimú – ajudar
71. pisirú – livrar, salvar, defender

23. OS TRÊS PORQUINHOS

(Conto de Joseph Jacobs.
Tradução para o nheengatu de **Carlos Jonathan de Oliveira Gomes**.)

1. Conta-se que, antigamente, havia uma velha porca que morava com seus três filhos. Ela era muito pobre.
2. Por isso, ela não tinha comida para dar para eles. Então, ela disse:
3. Meus filhos, vão procurar trabalho e morar nas suas casas.
4. O primeiro porquinho que partiu encontrou um homem que tinha muita palha. Ele disse:
5. — Dê-me essas palhas para eu fazer a minha casa. O homem deu a palha para ele.
6. Aquele porquinho fez sua casa. Depois disso, o lobo veio, bateu à porta e disse:
7. — Porquinho, deixe-me entrar na sua casa. O porquinho respondeu:
8. — Não, lobo. Eu não quero você dentro da minha casa. Então, o lobo disse:
9. — Eu vou soprar, soprar, muito eu vou soprar para fazer a sua casa desmoronar.
10. O lobo soprou e soprou, muito ele soprou, até que a casa feita de palha desmoronou. Então, devorou o porquinho.

11. O segundo porquinho encontrou um homem que tinha muitos gravetos. Ele disse:
12. — Dê-me esses gravetos para eu fazer a minha casa.
13. O homem deu os gravetos para ele. O porquinho fez sua casa. Depois disso, o lobo veio, bateu à porta e disse:
14. — Porquinho, deixe-me entrar na sua casa.
15. — Não, lobo. Eu não quero você dentro da minha casa.
16. — Eu vou soprar, soprar, muito eu vou soprar para fazer a sua casa desmoronar.
17. O lobo soprou e soprou, muito ele soprou, até que a casa feita de gravetos desmoronou. Então, devorou aquele porquinho.
18. O terceiro porquinho encontrou um homem que tinha muitas pedras grandes. Ele disse:
19. — Dê-me essas pedras grandes para eu fazer a minha casa.
20. O homem deu as pedras grandes para ele. O porquinho fez sua casa. Depois disso, o lobo veio, bateu à porta e disse:
21. — Porquinho, deixe-me entrar na sua casa.
22. — Não, lobo. Eu não quero você dentro da minha casa.
23. — Eu vou soprar sem parar, muito eu vou soprar para fazer a sua casa desmoronar.
24. O lobo soprou e soprou, muito ele soprou, mas a casa feita de pedras grandes não desmoronou.
25. Quando percebeu que ele não podia fazer a casa feita de pedras grandes desmoronar, ele disse:
26. — Porquinho, eu sei onde há muitas batatas.
27. O porquinho perguntou:
28. — Onde?
29. — Na roça do Antônio. Amanhã, se você quiser, eu chamarei você para irmos lá pegar algumas batatas para comermos à noite.
30. O porquinho disse:

31. — Certo! A que horas você quer ir lá amanhã?

32. — De manhã.

33. No outro dia, o porquinho acordou bem cedinho e apanhou as batatas antes de o lobo chegar. Quando o lobo chegou, ele disse:

34. — Porquinho, vamos agora?

35. O porquinho respondeu:

36. — Eu já fui lá e peguei muitas batatas para comer à noite.

37. O lobo ficou muito bravo por causa disso, mas ele queria enganar o porquinho. Então, ele disse:

38. — Porquinho, eu sei onde há um pé de caju muito bom. O porquinho perguntou:

39. — Onde? O lobo respondeu:

40. — No morro. Se você não me enganar, eu virei aqui amanhã de manhã e nós iremos lá juntos para apanhar cajus.

41. No outro dia, o porquinho acordou bem cedinho e foi para o morro.

42. Ele queria voltar antes de o lobo vir, mas o morro é longe e ele precisou subir no pé de caju.

43. Então, contam que, quando ele estava descendo, viu que o lobo estava vindo. Ele teve muito medo por causa disso. Quando o lobo chegou, ele disse:

44. — Porquinho, você veio para cá antes de mim! Os cajus estão doces? O porquinho respondeu:

45. — Sim, eles estão muito doces. Vou jogar um para você.

46. O porquinho jogou um caju para longe. Quando o lobo foi pegá-lo, o porquinho desceu do pé de caju e correu para sua casa.

47. No outro dia, o lobo veio novamente. Disse ao porquinho:

48. — Porquinho, há uma loja nova na cidade. Você quer ir para lá? O porquinho respondeu:

49. — Sim. Quando você irá lá? O lobo respondeu:

50. — De manhã.

51. No outro dia, o porquinho foi para a cidade bem cedinho e comprou um panelão de barro.

52. Quando ele estava voltando para sua casa, ele viu que o lobo estava vindo. O porquinho não sabia o que fazer.

53. Por isso, ele entrou na panela e, então, a panela começou a rolar pelo caminho da sua casa.

54. Por causa daquilo, o lobo teve muito medo e não foi para a cidade.

55. Ele correu imediatamente para sua casa. Quando ele foi à casa do porquinho, ele disse:

56. — Eu não fui à cidade. Eu vi um panelão de barro que rolava pelo caminho da sua casa. Por isso, eu fiquei com medo e corri para minha casa.

57. Então, o porquinho disse a ele:

58. — Eu assustei você. Eu fui à cidade antes de você para comprar um panelão de barro.

59. Quando eu vi você, entrei nele e ele começou a rolar e rolar pelo caminho da minha casa.

60. O lobo ficou muito bravo. Ele disse:

61. — Eu vou devorar você! Vou entrar na sua casa pela chaminé e vou pegar você.

62. Quando o porquinho viu o que o lobo estava fazendo, ele foi à cozinha, acendeu o fogo e pôs o panelão de barro sobre o fogo.

63. O lobo caiu pela chaminé para dentro do panelão de barro.

64. O porquinho cobriu o panelão de barro imediatamente, cozinhou o lobo e comeu sua carne à noite.

65. Depois disso, o porquinho foi feliz para sempre.

MUSAPIRI TAYASUMIRĨ

1. Kuxiíma, paá, aikwé yepé tayasú-kunhã waimĩ umurari waá i musapiri mimbira irumu. Aé pirasúa retana.
2. Aresé aé ti urikú timbiú umeẽ arama aintá supé. Aramé, aé unheẽ:
3. — Se mimbira-itá, pesú pesikari pe murakí arama, asuí pemurari pe ruka-itá upé.
4. Yepesawa[72] tayasumirĩ usú ana waá usuantí yepé apigawa urikú waá siía pindawa[73]. Aé unheẽ:
5. — Remeẽ ixé arama nhaã pindawa-itá ixé amunhã arama se ruka. Apigawa umeẽ pindawa i xupé.
6. Nhaã tayasumirĩ umunhã ana suka. Ariré, yawarasú[74] uri, utuká sukena resé, asuí unheẽ:
7. — Tayasumirĩ, rexari awiké ne ruka upé. Tayasumirĩ usuaxara:
8. — Umbaá, yawarasú. Ixé ti aputari indé se ruka kwara upé. Ape yawarasú unheẽ:
9. — Ixé apeyupeyú kurí, apeyú kurí retana amukukúi arama ne ruka.
10. Yawarasú upeyupeyú, upeyú retana, té mairamé uka pindawa suiwara ukukúi. Ape, umbaú tayasumirĩ.
11. Tayasumirĩ mukũisáwa usuantí yepé apigawa urikú waá siía sakaí. Aé unheẽ:
12. — Remeẽ ixé arama nhaã sakaí-itá amunhã arama se ruka.
13. Apigawa umeẽ sakaí-itá i xupé. Tayasumirĩ umunhã suka. Ariré, yawarasú uri, utuká sukena resé, asuí unheẽ:
14. — Tayasumirĩ, rexari awiké ne ruka upé.
15. — Umbaá, yawarasú. Ixé ti aputari indé se ruka kwara upé.
16. — Ixé apeyupeyú kurí, apeyú kurí retana amukukúi arama ne ruka.
17. Yawarasú upeyupeyú, upeyú retana, té mairamé uka sakaí-itá suiwara ukukúi. Ape, umbaú nhaã tayasumirĩ.

72. yepesawa – primeiro
73. pindawa – palha
74. yawarasú – lobo

18. Tayasumirĩ musapirisawa usuantí yepé apigawa urikú waá siía itawasú. Aé unheẽ:
19. — Remeẽ ixé arama nhaã itawasú-itá amunhã arama se ruka.
20. Apigawa umeẽ itawasú-itá i xupé. Tayasumirĩ umunhã suka. Ariré yawarasú uri, utuká sukena resé, asuí unheẽ:
21. — Tayasumirĩ, rexari awiké ne ruka upé.
22. — Umbaá, yawarasú. Ixé ti aputari indé se ruka kwara upé.
23. — Ixé apeyupeyú kurí, apeyú kurí retana amukukúi arama ne ruka.
24. Yawarasú upeyupeyú, upeyú retana, ma uka itawasú-itá suiwara ti ukukúi.
25. Aé umaã ramé aé ti ukwáu umukukúi uka itawasú-itá suiwara, aé unheẽ:
26. — Tayasumirĩ, ixé akwáu mamé aikwé siía yutika[75].
27. Tayasumirĩ upurandú:
28. — Mamé taá?
29. — Antonio kupixawa upé. Wirandé kurí, reputari ramé, asenũi indé yasú arama akití yapisika yepeyepé yutika yambaú arama pituna ramé.
30. Tayasumirĩ unheẽ:
31. — Eré. Mairamé katú taá resú-putari akití wirandé?
32. — Kwema ramé.
33. Amú ara upé, tayasumirĩ upaka kwemaeté, asuí upisika yutika yawarasú usika renundé. Mairamé yawarasú usika, aé unheẽ:
34. — Tayasumirĩ, yasú ana kuíri?
35. Tayasumirĩ usuaxara:
36. — Asú ana akití, asuí apisika siía yutika ambaú arama pituna ramé.
37. Yawarasú i piaíwa retana upitá sesewara, ma aé uputari uganani tayasumirĩ. Aramé, aé unheẽ:
38. — Tayasumirĩ, ixé akwáu mamé aikwé yepé akayú-iwa puranga retana. Tayasumirĩ upurandú:

75. yutika – batata

39. — Mamé taá? Yawarasú usuaxara:

40. — Iwiteramirĩ upé. Ti ramé reganani ixé, wirandé kurí ayuri kwá kití kwema ramé, asuí yasú akití yepewasú yapisika arama akayú.

41. Amú ara upé, tayasumirĩ upaka kwemaeté, asuí usú iwiteramirĩ kití.

42. Aé uyuíri-putari yawarasú uri renundé, ma iwiteramirĩ apekatú, asuí aé urikuté uyupiri akayú-iwa resé.

43. Ape, paá, aé uwiyé uikú ramé, umaã yawarasú uri uikú. Usikié retana sesewara. Yawarasú usika ramé, unheẽ:

44. — Tayasumirĩ, reyuri kwá kití se renundé! Akayú-itá seẽ será? Tayasumirĩ usuaxara:

45. — Eẽ, aintá seẽ retana. Ayapí kurí yepé indé arama.

46. Tayasumirĩ uyapí yepé akayú apekatú kití. Yawarasú usú ramé upisika aé, tayasumirĩ uwiyé akayú-iwa suí, asuí uyana suka kití.

47. Amú ara upé, yawarasú uri yuíri. Unheẽ tayasumirĩ supé:

48. — Tayasumirĩ, aikwé yepé piripanasawa ruka pisasú mairí[76] upé. Indé reputari será resú akití? Tayasumirĩ usuaxara:

49. — Eẽ. Mairamé taá kurí resú akití? Yawarasú usuaxara:

50. — Kwema ramé.

51. Amú ara ramé ana, tayasumirĩ usú mairí kití kwemaeté, asuí upiripana yepé kamutiwasú.

52. Mairamé uyuíri uikú suka kití, aé umaã yawarasú uri uikú waá. Tayasumirĩ ti ukwáu maã umunhã arama.

53. Aresé, aé uwiké kamutí kwara upé, asuí kamutí uyupirú uyereyeréu suka rapé rupí.

54. Sesewara yawarasú usikié retana, asuí ti usú mairí kití.

55. Uyana yeperesé suka kití. Mairamé aé usú tayasumirĩ ruka kití, aé unheẽ:

56. — Ixé ti asú aramé mairí kití. Amaã kamutiwasú uyereyeréu waá ne ruka rapé rupí. Aresé asikié, asuí ayana se ruka kití.

57. Ape, tayasumirĩ unheẽ i xupé:

76. mairí – cidade

58. — Ixé amusikié waá indé. Ixé asú mairí kití ne renundé apiripana arama yepé kamutiwasú.

59. Amaã ramé indé, awiké ana i kwara kití, asuí aé uyupirú uyereyeréu se ruka rapé rupí.

60. Yawarasú i piaíwa retana upitá. Aé unheẽ:

61. — Ixé ambaú kurí indé! Awiké kurí ne ruka upé tatatinga kwara rupí, asuí apisika kurí indé.

62. Mairamé tayasumirĩ umaã ana maã yawarasú umunhã uikú, aé usú memuitendawa[77] kití, umundeka tatá, asuí umburi kamutiwasú tatá árupi.

63. Yawarasú uwari tatatinga kwara rupí kamutiwasú kwara kití.

64. Tayasumirĩ upupeka yeperesé kamutiwasú, umemũi yawarasú, umbaú sukwera pituna ramé.

65. Ariré, tayasumirĩ surí ana yawewara waá tẽ.

24. O SAPO E A COBRA

(Lenda africana.
Tradução para o nheengatu de **Maria Fernanda Britto Rezende**.)

1. Contam que, um dia, um sapinho encontrou um bicho comprido, fino, brilhante e colorido, deitado no caminho.

2. — Bom dia! Que você está fazendo, estirada na estrada?

3. — Estou-me esquentando aqui ao sol. Sou uma cobrinha. Quem é você?

4. — Um sapo. Vamos brincar?

5. E eles brincaram a manhã toda no mato.

6. — Vou ensinar você a pular.

7. E eles pularam a tarde toda pela estrada.

8. — Vou ensinar você a subir na árvore, enroscando-se e deslizando pelo seu tronco.

77. memuitendawa – cozinha

9. E eles subiram. Ficaram com fome e foram embora, cada um para sua casa, prometendo encontrar-se no dia seguinte.

10. — Muito obrigada por me ensinar a pular.

11. — Muito obrigado por me ensinar a subir na árvore.

12. Em sua casa, o sapinho mostrou à mãe que sabia rastejar como cobra.

13. — Quem ensinou isso a você?

14. — A cobra, minha amiga.

15. — Você não sabe que a família Cobra não é gente boa? Eles têm veneno. Você nunca brinque com cobras. E também não rasteje por aí. Não fica bem.

16. Em casa, a cobrinha mostrou à mãe que sabia pular.

17. — Quem ensinou isso a você?

18. — O sapo, meu amigo.

19. — Que besteira! Você não sabe que a gente nunca se deu bem com a família Sapo? Quando você o vir outra vez, agarre-o e... coma-o! E pare de pular. Nós, cobras não fazemos assim.

20. No dia seguinte, cada um ficou no seu canto.

21. — Acho que não posso rastejar com você hoje.

22. A cobrinha olhou, lembrou-se do conselho da mãe e pensou:

23. — Se ele chegar perto, eu pulo e devoro-o.

24. Mas se lembrou da alegria da véspera e dos pulos que aprendeu com o sapinho. Suspirou e, como uma cobra, deslizou para o mato.

25. Daquele dia em diante, o sapinho e a cobrinha não brincaram mais juntos.

26. Mas ficavam ao sol, lembrando-se do único dia em que foram amigos.

KURURÚ BUYA IRUMU

1. Yepé kururumirĩ, paá, uwasemu yepé suú pukú, yangaiwara, sinipukawera waá, i pirera pinima waá yuíri, uyenú uikú waá pé upé.

2. — Puranga ara! Maã taá remunhã reikú, reyumuatá pé upé?

3. — Ayumuakú aikú iké, kurasí wírupe. Ixé yepé buyamirĩ. Awá taá indé?

4. — Yepé kururú. Yasú yamusarái?

5. Asuí aintá umusarái kwema pukusawa kaá upé.

6. — Asú ambué indé repuri.

7. Asuí aintá upuri karuka pukusawa pé rupí.

8. — Asú ambué indé reyupiri mirá resé, reyumamana, resiririka supitá rupí.

9. Asuí aintá uyupiri. Aintá yumasí upitá, asuí aintá usú ana, yepé-yepé yawé suka kití, aintá uyumungitá uyusuantí arama aramewara wirandé.

10. — Kwekatú reté rembué resé ixé apuri.

11. — Kwekatú reté rembué resé ixé ayupiri mirá resé.

12. Suka upé, kururumirĩ umukameẽ i manha supé aé ukwáu uyusikí buya yawé.

13. — Awá taá umbué nhaã indé arama?

14. — Buya, se rumuára.

15. — Indé ti será rekwáu Buya anama ti mira katú? Aintá urikú sasí waá. té remusarái nẽ mairamé buya-itá irumu. Té reyusikí arupí yuíri. Ti upitá puranga.

16. Uka upé, buyamirĩ umukameẽ i manha supé aé ukwáu upuri.

17. — Awá taá umbué nhaã indé arama?

18. — Kururú, se rumuára.

19. — Adí! Indé ti será rekwáu yandé nẽ mairamé yayumeẽ puranga Kururú anama irumu? Mairamé remaã aé amú í, repisika aé, asuí... rembaú aé! Asuí té repuri. Yandé, buya-itá, ti yamunhã kwayé.

20. Amú ara ramé, amú upitá apekatú xinga amú suí.

21. — Ti pu ayusikí-kwáu ne irumu uií.

22. Buyamirĩ umaã, umanduári i manha mungitasawa resé, asuí umaité:

23. — Aé usika ramé se ruakí, apuri asuí ambaú aé.

24. Ma umanduári surisawa kwera kwesewara resé, purisawa-itá resé uyumbué waá kururumirĩ irumu. Usikí i anga, asuí buya yawé, usiririka kaá kití.

25. Nhaã ara suiwara, kururumirĩ buyamirĩ irumu ti ana uyumusarái yepewasú.

26. Ma aintá upitá kurasí wírupe, aintá umanduári uikú nhaã yepenhũ ara resé aintá uikú waá kwera sumuára yawé.

25. A TOCA DA ONÇA

(Conto folclórico brasileiro.

Tradução para o nheengatu de **Rodrigo Godinho Trevisan**.)

1. Contam que a onça caiu da árvore e, durante muitos dias, esteve muito doente.
2. Estava com muita fome porque não podia caçar.
3. Por causa dessa dificuldade, depois de pensar muito, disse à irara:
4. — Comadre irara — disse a onça —, vá a todas as terras e diga a todos os bichos que já estou para morrer e quero que eles venham ver-me.
5. Então, a irara saiu para falar com os animais, e eles todos vieram, um a um, para ver a onça.
6. Vem o veado, vem a capivara, vem a cutia, vem o porco-do-mato, vem também o jabuti.
7. Mas o jabuti, que era esperto, antes de entrar na toca da onça lembrou-se de olhar para o chão.
8. Viu, na poeira do chão, só rastros de animais entrantes na casa, não viu nenhum rastro de animal sainte. Por isso, pensou:
9. — Hum!... Os rastros de quem entra nesta casa não saem dela.

10. O melhor, em vez de eu ir para junto da onça doente, é ir rezar por ela...
11. Assim fazendo, somente o jabuti salvou-se.

YAWARETÉ RUKA

1. Yawareté, paá, uwari mirá suí, asuí siia ara pukusawa i masí retana uikú.
2. Uikú yumasisawa turusú irumu maãresé ti ukamundú-kwáu.
3. Kwá iwasusawa resewara, umanduári retana riré, unheẽ irara supé:
4. — Se ukií[78] irara — unheẽ yawareté —, resú panhẽ tetama kití, renheẽ panhẽ suú supé amanú–putari ana, asuí aputari aintá uri umaã ixé.
5. Aramé, irara usemu upurungitá arama suú-itá irumu, asuí panhẽ aintá uri, yepé-yepé, umaã arama yawareté.
6. Uri suasú, uri kapiwara, uri akutí, tayasu-kaapura uri. Uri yautí yuíri.
7. Ma yautí, yakwáu waá, uwiké renundé yawareté ruka upé, umanduári umaã iwí resé.
8. Umaã, iwí kurera upé, suú rapekwera-itá uwiké waá-itá uka kwara kitintu, ti umaã nẽ yepé suú rapekwera usemu waá misuí. Sesewara umanduári:
9. — Hum!... Awá uwiké kwá uka kwara kití, sapekwera-itá ti usemu i kwara suí.
10. Puranga piri, asú rikuyara yawareté masiwera piri, ayumbué sesé...
11. Yawé umunhã resewara, anhũ yautí uyupisirú.

26. A POMBA DE COLAR

(Conto da obra *Calila e Dimna*.

Adaptação e tradução para o nheengatu de **Beatriz Gemignani**.)

1. Conta-se que, numa região, havia um local de caça para onde iam frequentemente caçadores. Dizem que ali morava um urubu.

78. ukií – cunhada, comadre

2. Contam que, um dia, quando o urubu estava em cima de uma árvore, ele viu um caçador aproximar-se dali.

3. O urubu viu o caçador colocar uma rede com sementes na terra. Então, dizem que ele se escondeu por perto.

4. Contam que, então, uma pomba, chamada "de colar", passou por ali com outras pombas.

5. Elas viram as sementes, mas não viram a rede. Por isso, elas foram para lá para comer e todas caíram na rede.

6. Contam que, então, cada pomba quis sair sozinha. Disse a pomba de colar:

7. — Não tentem sair sozinhas. Vamos voar juntas com a rede.

8. Conta-se que, então, elas fizeram assim mesmo. Como elas sumiram, o caçador não pôde mais vê-las.

9. O urubu voou atrás delas para ver o que elas iam fazer.

10. Contam que, depois, as pombas foram para a toca do rato porque ele é um bom amigo da pomba de colar.

11. A pomba de colar pediu ao rato:

12. — Meu amigo, roa esta rede para podermos sair. Mas comece pelo lado das minhas amigas e, somente depois, roa o meu lado.

13. Assim, se você ficar cansado, sei que você não descansará até terminar tudo.

14. — É por isso que, quem gosta de você, fica gostando ainda mais, disse a pomba.

15. Dizem que, então, o rato roeu a rede inteira.

16. Depois, a pomba de colar voltou a voar com suas amigas.

17. O urubu viu tudo. Contam que, então, ele quis a amizade do rato. O urubu pensou assim:

18. — Se acontecer comigo o que aconteceu com a pomba, seria bom que eu tivesse a amizade daquele rato.

19. Contam que, então, ele chamou aquele rato em sua toca:

20. — Eu sou o urubu. Eu vi tudo. Vi como você é bom para seu amigo.

21. Por isso, quero tornar-me seu amigo também. O rato respondeu:

22. — Você come carne. Por causa disso, eu seria comida para você! Então, nós não podemos ficar amigos.

23. — Se eu comer você, nada me será dado. Porém, se você fosse meu amigo, eu ficaria muito feliz.

24. Vou ficar aqui até você me dizer "sim", disse o urubu.

25. Então, enfim, o rato acreditou no urubu. Eles tornaram-se amigos verdadeiros.

26. Assim se passou um bom tempo. Contam que, um dia, o urubu disse ao rato:

27. — Perto de sua toca há um caminho de gente. Eu tenho medo de que eles me flechem.

28. Conheço um lugar bonito sem homens, onde há um rio em que mora minha amiga tartaruga.

29. Quero ir para lá, para morar sem medo com minha amiga.

30. — Eu vou com você. Estou feliz de que você vá para lá para morar com sua amiga, disse o rato.

31. Dizem que, então, o urubu voou para lá, levando o rato pelo rabo.

32. Quando eles se aproximaram daquele rio, a tartaruga viu seu amigo urubu. Após se cumprimentarem, disse o rato:

33. — Eu quis vir para cá porque eu não quero ficar sozinho em minha toca.

34. Não existe alegria neste mundo como a companhia do amigo sincero.

35. Não existe tristeza como quando morre aquele amigo.

36. Enquanto os três novos amigos conversavam, aproximou-se deles, às carreiras, um veado.

37. Eles tiveram medo: o rato entrou em uma toca, o urubu voou e foi para uma árvore e a tartaruga mergulhou no rio.

38. O veado foi ao rio para beber água. Ele estava com medo.

39. O urubu voou, procurando um caçador que estivesse atrás do veado, mas não encontrou ninguém.

40. Dizem que, então, ele chamou o rato e a tartaruga para se reunirem.

41. Após cumprimentarem o veado, conta-se que a tartaruga disse-lhe:

42. — Não tenha medo porque aqui não é perigoso.
43. — Pensei ter visto um homem na mata e, por isso, corri para cá, disse o veado.
44. — Nunca vimos nenhum caçador por aqui.
45. Fique conosco e nós lhe daremos nosso afeto, disse a tartaruga.
46. Dizem que o veado gostou de estar com eles e ficou ali.
47. Contam que, um dia, o urubu, a tartaruga e o rato não encontraram o veado.
48. Dizem que, então, o urubu voou, procurando o veado, e o encontrou na rede de um caçador.
49. Ele voltou para contar aquilo à tartaruga e ao rato. Logo, o rato foi correndo para ajudar o veado.
50. Enquanto o rato roía a rede, chegou a tartaruga. Disse-lhe o veado:
51. — Você se enganou, vindo para cá, pois, quando o caçador chegar e o rato tiver terminado de roer a rede, eu poderei correr mais que ele, o rato poderá esconder-se em uma toca e o urubu poderá voar. Mas, como você é pesada, não poderá correr. Por isso temo por você.
52. Disse a tartaruga:
53. — Quando morre aquele que amamos, a vida não tem mais qualquer bem.
54. Quem encontra seu amigo sincero alegra seu coração.
55. Bem nesse momento, dizem, apareceu o caçador, depois que o rato terminou de roer tudo.
56. O rato se escondeu na toca, o urubu voou e o veado fugiu.
57. Quando o caçador se aproximou, viu a corda que o rato roera.
58. Como viu somente a tartaruga, ficou pasmado. Dizem que, então, ele a apanhou e a amarrou.
59. O urubu, o veado e o rato ficaram muito tristes. Disse o rato:
60. — Depois de passarmos por uma dificuldade, caímos em outra. Coitada da tartaruga, nossa boa amiga!
61. Contam que, então, ele disse:
62. — Eis o que vamos fazer: veado, vá para o caminho do caçador e deite-se no chão, como se você estivesse ferido.

63. Então, o urubu ficará em cima de você, como se comesse de sua carne. Eu estarei próximo de vocês.
64. Acredito que o caçador, quando os vir, deixará a tartaruga e irá atrás de vocês.
65. Então, fujam, mas, veado, ande coxeando, para o caçador tentar apanhá-lo. Enquanto isso, eu vou roer a rede da tartaruga.
66. Assim fizeram. Então, conta-se que o caçador pensou no que aconteceu, em como roeram a rede.
67. O veado estava coxo e o urubu estava sobre o veado como se comesse de sua carne, mas não a comia. Por isso, disse:
68. — Esta é uma terra do demônio.
69. Com medo, fugiu rapidamente, sem olhar para trás.
70. Dizem que, enfim, o urubu, o veado, o rato e a tartaruga ficaram em paz em sua terra.

PUÍRA PIKASÚ[79]

1. Yepé tetama upé, paá, aikwé yepé kamundusawa[80] rendawa makití kamundusara-itá[81] usuwera. Ape, paá, umurari yepé urubú.
2. Yepé ara, paá, urubú uikú ramé yepé mirá árupi, aé umaã yepé kamundusara usika waá nhaã tendawa ruakí.
3. Urubú umaã kamundusara umburi yepé pisá saínha-itá[82] irumu iwí upé. Asuí, paá, aé uyuyumimi suakí.
4. Aramé, paá, yepé pikasú uyuseruka waá "Puíra Pikasu" usasá mirupí amú pikasú-itá irumu.
5. Aintá umaã saínha-itá, ma ti umaã pisá. Sesewara, aintá usú mikití umbaú arama, asuí panhẽ uwari pisá upé.
6. Ape, paá, muíri pikasú usemu-putari anhuíra. Puíra pikasú unheẽ:

79. pikasú – pomba
80. kamundusawa – caça
81. kamundusara – caçador
82. saínha, raínha – semente, caroço, grão

7. —Té pesikari pesemu anhuíra. Yasú yawewé yepewasú pisá irumu.

8. Ape, paá, yawé tẽ aintá umunhã. Mayé aintá ukanhemu, kamundusara ti ana umaã-kwáu aintá.

9. Urubú uwewé aintá rakakwera umaã arama maã taá maã aintá umunhã.

10. Asuí, paá, pikasú-itá usú wawirú ruka kití, maãresé aé yepé puíra pikasú rumuára katú.

11. Puíra pikasu upurandú wawirú suí:

12. — Se rumuára, resuusuú kwá pisá yasemu-kwáu arama. Ma reyupirú se rumuára-itá ruakí rupí, anhuntẽ kwá riré resuusuú se ruakí rupí.

13. Yawé, indé maraári ramé kurí, akwáu ti kurí repituú té rembawa.

14. Yawé arã, awá usaisú ana indé, aramé piri rẽ usaisú, unheẽ pikasú.

15. Aramé, paá, wawirú usuusuú pisá pawa.

16. Ariré, puíra pikasú uwewé yuíri sumuára-itá irumu.

17. Urubú umaã ana pawa. Ape, paá, aé uputari wawirú sumuára arama. Urubú umanduári kwayé:

18. —Uyusasá ramé se irumu maã uyusasá ana pikasú irumu, puranga maã arikú nhaã wawirú se rumuára arama.

19. Ape, paá, aé usenũi nhaã wawirú suka upé:

20. — Ixé urubú. Amaã ana pá. Amaã mayé ne katú ne rumuára supé.

21. Sesewara ayeréu-putari ne rumuára yuíri. Wawirú usuaxara:

22. — Indé rembaú sukwera. Sesewara ixé maã timbiú indé arã! Aramé, yandé ti yayeréu-kwáu kamarara-itá.

23. — Ambaú ramé indé, nẽ maã kurí uyumeẽ ixé arama. Ma indé ramé maã se rumuára, se rurí maã retana.

24. Apitá kurí iké té indé renheẽ "eẽ" ixé arama, unheẽ urubú.

25. Ape, kuité, wawirú uruyari urubú resé. Aintá uyeréu kamarara-itá reté waá.

26. Yawé uyusasá siía ara. Yepé ara, paá, urubú unheẽ wawirú supé:

27. — Ne ruka ruakí aikwé yepé mira rapé. Asikié aintá uyumú ixé.

28. Akwáu yepé tendawa puranga miraíma waá, mamé aikwé yepé paranã mamé umurari se rumuára yurará.

29. Asú-putari akití, amurari arama sikiesawaíma se rumuára irumu.

30. — Asú ne irumu. Se rurí indé resú resé akití remurari arama ne rumuára irumu, unheẽ wawirú.

31. Ape, paá, urubú uwewé akití, urasú wawirú suáya rupí.

32. Aintá usika ramé nhaã paranã ruakí, yurará umaã sumuára urubú. Aintá uyumumurã[83] riré, unheẽ wawirú:

33. — Ayuri-putari kwá kití maãresé ti apitá-putari anhuíra se ruka upé.

34. Ti yamaã surisawa kwá iwí upé mayé kamarara reté waá irumuarasawa yawé.

35. Ti yamaã sasisawa turusú piri nhaã kamarara manusawa suí.

36. Musapiri kamarara pisasú upurungitá pukusawa, usika kutara yepé suasú.

37. Aintá usikié: wawirú uwiké yepé iwí kwara upé, urubú uwewé asuí usú yepé mirá kití, yurará uyapumi paranã upé.

38. Suasú usú paranã kití uú arama ií. Aé usikié uikú.

39. Urubú uwewé, usikari yepé kamundusara uikú maã waá suasú rakakwera, ma ti uwasemu nẽ awá.

40. Ape, paá, aé usenũi wawirú, yurará yuíri aintá uyumuatiri arama.

41. Aintá umumurã riré suasú, yurará, paá, unheẽ i xupé:

42. —Té resikié, iké ti yawaité.

43. — Amaité waá kwera amaã yepé apigawa kaá upé, aresé ayana kwá kití, unheẽ suasú.

44. — Nẽ mairamé yamaã yepé kamundusara kwá rupí.

45. Repitá yané irumu, yameẽ kurí indé arama yané saisusawa, unheẽ yurará.

46. Suasú, paá, uyusé[84] uikú aintá irumu asuí upitá ape.

47. Yepé ara, paá, urubú, yurará, wawirú ti aintá uwasemu suasú.

83. mumurã – cumprimentar, saudar
84. yusé – gostar

48. Ape, paá, urubú uwewé, usikari suasú, uwasemu aé yepé kamundusara pisawasú nungara upé.

49. Aé uyuíri umbeú arama yurará, wawirú supé yuíri. Yeperesé, paá, wawirú uyana upitimú[85] arama suasú.

50. Wawirú usuusuú pukusawa nhaã pisawasú, usika ana yurará. Suasú unheẽ i xupé:

51. — Reyawí, reyuri ramé kwá kití, maãresé kamundusara usika ramé asuí wawirú umbawa ana usuusuú pisawasú, ixé ayana-kwáu kurí kutara piri kamundusara suí, wawirú uyuyumimi-kwáu kurí yepé iwí kwara upé, urubú uwewé-kwáu kurí. Ma mayé indé ne pusé, ti kurí reyana-kwáu. Sesewara asikié ne resé.

52. Unheẽ yurará:

53. — Umanú ramé awá yasaisú waá, yané rikwesawa ti ana urikú nẽ yepé purangasawa.

54. Awá usuantí sumuára reté waá umusurí i piá.

55. Aramé tẽ, paá, uyukwáu kamundusara, wawirú usuusuú pawa riré ana.

56. Wawirú uyuyumimi iwí kwara upé, urubú uwewé, suasú uyawáu.

57. Mairamé kamundusara usika ana suakí, umaã tupasama wawirú usuusuú waá kwera.

58. Mayé umaã anhũ yurará, aé yakanhemu. Ape, paá, upisika aé, asuí upukwari aé.

59. Urubú, suasú, wawirú yuíri aintá upitá ana sasiára retana. Wawirú unheẽ:

60. —Yasasá riré yepé iwasusawa rupí, yawari amú upé. Yurará taité, yané rumuára katú!

61. Ape, paá, aé unheẽ:

62. — Xukúi maã yamunhã kurí: suasú, resú kamundusara rapé kití asuí reyenú iwí-pé, indé reyumuperewa waá yawé.

63. Aramé kurí urubú upitá ne árupi, umbaú waá yawé ne rukwera. Ixé kurí aikú pe ruakí.

64. Amaité kamundusara, umaã ramé penhẽ, uxari kurí yurará, asuí usú pe rakakwera.

85. pitimú – ajudar

65. Aramé kurí peyawáu, ma, suasú, rewatá ne retimã yapara waá yawé, kamundusara usikari arama upisika indé. Nhaã pukusawa, ixé asuusuú kurí yurará pisawasú.

66. Yawé tẽ aintá umunhã. Aramé, paá, kamundusara umanduári maã uyusasá, mayé aintá usuusuú tupasama.

67. Suasú retimã yapara uikú, urubú uikú suasú árupi, umbaú waá yawé sukwera, ma ti umbaú yepé. Yawé arã unheẽ:

68. — Kwá yepé Yurupari retama.

69. Sikiesawa irumu, uyawáu kutara, ti pukusawa umaã sakakwera kití.

70. Aramé ana, paá, urubú, suasú, wawirú, yurará yuíri aintá uikuntu aintá retama upé.

27. O RATO DO CAMPO E O RATO DA CIDADE

(Fábula de Esopo.
Tradução para o nheengatu de **Ana Paula Piola**.)

1. Contam que, antigamente, havia um rato cuja casa ficava na mata.

2. Ele tinha um amigo que morava na cidade. Um dia, o rato da mata disse:

3. — Meu amigo, por que você não vai a minha casa?

4. Eu farei comida gostosa para você comer bem.

5. Aquele rato da cidade ficou feliz.

6. Depois foi à mata, à casa de seu amigo.

7. Quando chegou, dizem que ficou muito bravo porque naquela casa havia somente comida de que ele não gostava: biju, mandioca, farinha, tapioca, raízes e sementes.

8. Ele ficou triste e com fome. Disse:

9. — Meu amigo, por que você come esta comida? Você morrerá se comer farinha e raízes durante tantos dias! More comigo!

10. O rato da mata foi. Ele não sabia que a cidade era tão diferente.

11. O rato da cidade mostrou a cozinha dos homens a seu amigo.
12. Lá eles viram queijo, bananas, milho e carne.
13. Ficaram muito contentes.
14. Mas, imediatamente, apareceu o dono da casa. Aquele homem lançou veneno nos ratos.
15. Os ratos correram muito e não puderam comer.
16. O rato do mato ficou muito assustado e pensou que a mata era melhor que a cidade.
17. Lá ele tinha comida boa e não tinha medo de ninguém.
18. Foi para sua casa e ficou feliz.
19. Moral da história: uma vida pobre e em paz é melhor que uma vida rica, mas com perigos.

WAWIRÚ KAAPURA WAWIRÚ TAWAPURA IRUMU

1. Aikwé, paá, kuxiíma yepé wawirú suka waá upitá kaá upé.
2. Aé urikú yepé sumuára umurari waá tawa upé. Yepé ara, paá, wawirú kaapura unheẽ:
3. — Se rumuára, marã taá ti resú se ruka kití?
4. Amunhã kurí timbiú sé rembaú katú arama.
5. Nhaã wawirú tawapura surí upitá.
6. Ariré, aé usú kaá kití, sumuára ruka kití.
7. Aé usika ramé, paá, i piaíwa retana upitá maãresé nhaã uka upé aikwentu timbiú ti waá aé uyusé[86] umbaú: meyú, maniáka, uí, tipiáka, sapú-itá, saínha-itá[87].
8. Aé upitá sasiára, yumasisawa irumu. Unheẽ:
9. — Se rumuára, marã taá rembaú kwá timbiú? Remanú kurí rembaú ramé uí, sapú-itá siía ara pukusawa. Remurari se irumu!

86. yusé – gostar
87. saínha, rainha – semente, caroço, grão

10. Wawirú kaapura usú ana. Aé ti ukwáu tawa amurupí reté.
11. Wawirú tawapura umukameẽ mira memuitendawa[88] sumuára supé.
12. Aintá umaã mimi kambiatã[89], pakúa, awatí asuí sukwera.
13. Aintá upitá surí retana.
14. Ma, yeperesé, uka yara uyukwáu. Nhaã apigawa uyapí supiára wawirú-itá resé.
15. Wawirú-itá uyana retana, ti umbaú-kwáu.
16. Wawirú kaapura yakanhemu retana, umaité kaá puranga piri tawa suí.
17. Mimi aé urikú timbiú puranga, ti usikié nẽ awá suí.
18. Usú ana suka kití, upitá ana surí.
19. Marandúa mbuesawa: yepé sikwesawa pirasúa, uikuntu waá, puranga piri yepé sikwesawa siía maã irumu, yawaité waá suí.

28. O AMIGO DE PAICARÁ

(Conto brasileiro.
Tradução para o nheengatu de **Juliana Vignado**.)

1. Um menino cujo nome era Paicará queria pescar.
2. Então, pegou a vara e foi à beira do riozinho.
3. Quando o menino atirou o anzol na água, pescou um peixinho.
4. Paicará soltou o peixinho do anzol e o colocou sobre o chão. Depois disse:
5. — Hoje estou com sorte! Pescarei muitos peixes!
6. Depois, Paicará ouviu:
7. — Psiu! Psiu!
8. Ele procurou de onde vinha aquele "psiu".

88. memuitendawa – cozinha
89. kambiatã – queijo

9. Logo ele viu que o "psiu" vinha do peixinho. Aí o peixinho disse:

10. — Ei, menino, por que você me tirou da água?

11. — Porque eu estou pescando, Paicará respondeu.

12. — Você não sabe que eu vou morrer fora do rio?

13. — Eu sei, mas eu quero comer peixe, Paicará respondeu.

14. — Minha mãe vai chorar muito quando eu não voltar. Você sabia que minha mãe me ama muito?

15. — Você tem sua mãe também?, Paicará perguntou.

16. — Eu tenho. Ela está nadando perto daqui, olhando para a sua cara.

17. — Por que ela olha para a minha cara? E daí?

18. — Minha mãe é valente! Há muitos parentes meus no rio. Quando você nadar, eles vão brigar com você. Eles vão morder sua perna!

19. — Eu não tenho medo dos seus parentes!

20. — A piranha é minha tia! Minha mãe vai contar para a minha tia. Ela vai ferir você. O que você vai fazer?

21. — Eu vou jogar você na água. Você não conta a sua tia?

22. — Eu não vou contar. Você é meu amigo!

23. — Muito obrigado!

24. Paicará jogou o peixinho na água. Depois o menino pensou:

25. — Eu vou para minha casa para comer beiju! Não há piranha na roça!

PAIKARÁ RUMUÁRA

1. Yepé kurumĩ sera waá Paikará uputari upinaitika.

2. Aramé upisika ana pindaíwa, asuí usú igarapé rembiwa kití.

3. Mairamé kurumĩ uyapí pindá ii kití, upinaitika yepé pirá mirĩ.

4. Paikará uyuka pirá mirĩ pindá suí asuí umburi aé iwí árupi. Ariré unheẽ:

5. — Uií ixé marupiára aikú! Apinaitika kurí siía pirá!

6. Ariré, Paikará usendú:

7. — Psiu! Psiu!

8. Aé usikari masuí uri nhaã "psiu".

9. Yeperesé aé umaã nhaã "psiu" uri pirá mirĩ suí. Aramé pirá mirĩ unheẽ:

10. — Ei, kurumĩ, marã taá reyuka ixé ii suí?

11. — Maãresé apinaitika aikú, Paikará usuaxara.

12. — Ti será rekwáu amanú kurí paranã ukárupi?

13. — Ixé akwáu, ma ambaú-putari pirá, Paikará usuaxara.

14. — Se manha uyaxiú retana kurí ti ramé ayuíri. Indé rekwáu será se manha usaisú retana ixé?

15. — Indé rerikú será ne manha yuíri?, Paikará upurandú.

16. — Ixé arikú! Aé uwitá uikú ikentu, umaã ne ruá resé.

17. — Marã taá aé umaã se ruá resé? Asuí taá?

18. — Se manha kirimbawa! Aikwé siía se anama-itá paranã-me. Indé rewitá ramé kurí, aintá usú umaramúnhã ne irumu. Aintá usuú kurí ne retimã!

19. — Ixé ti asikié ne anama-itá suí!

20. — Piranha se aixé[90]! Se manha umbeú kurí se aixé supé. Aé umuperewa kurí indé! Maã taá kurí remunhã?

21. — Ixé ayapí kurí indé ii kití. Ti será rembeú ne aixé supé?

22. — Ti kurí ambeú. Indé se rumuára!

23. — Kwekatú reté!

24. Paikará uyapí pirá mirĩ ii kití. Ariré kurumĩ umanduári:

25. — Asú se ruka kití ambaú arama meyú! Ti yamaã piranha kupixawa upé!

90. aixé – tia

29. CHAPEUZINHO VERMELHO

(Conto dos Irmãos Grimm.

Tradução para o nheengatu de **Gabriel Antônio Mesquita de Araújo**.)

1. Contam que, antigamente, havia uma menina muito bondosa. Todas as pessoas gostavam dela.
2. Dizem que, um dia, sua avó deu-lhe um chapeuzinho vermelho de algodão.
3. Contam que, então, todos começaram a chamá-la Chapeuzinho Vermelho.
4. Contam que, um dia, sua mãe chamou-a e disse-lhe:
5. — Chapeuzinho, leve estas pamonhas e este caldo de açaí a sua avó. Ela não está bem.
6. Vá pela estrada do rio. Não vá pela estrada da floresta porque é muito perigosa.
7. Chapeuzinho escutou sua mãe. Ela pegou a cesta, beijou sua mãe e saiu.
8. Sua avó morava no meio da mata. Quando Chapeuzinho Vermelho chegou ao rio, encontrou um lobo.
9. Como ela não conhecia aquele lobo, que era mau, ela não teve medo dele.
10. — Bom dia!, disse o lobo a ela.
11. — Bom dia, respondeu Chapeuzinho a ele.
12. — Aonde vai tão cedinho, menina?
13. — Vou à casa de minha avó.
14. — Que há dentro dessa cesta?
15. — Minha avó não está bem e, por isso, levo pamonhas e caldo de açaí que minha mãe fez para ela. Ela ficará contente.
16. — Diga-me onde sua avó mora?
17. — Ela mora por aqui. Sua casa fica perto do pé de açaí.

18. O lobo pensou consigo: "Eu estou faminto. Então, esta criança será minha comida saborosa. Se eu caminhar muito rápido, vou comer sua avó também". Então, o lobo disse:
19. — Escute, menina. Você viu as flores bonitas que há nesta mata? Por que não as leva para sua avó?
20. Então, Chapeuzinho pensou:
21. "Se eu colher algumas flores para minha avó, ela vai ficar feliz".
22. Então, entrou na mata para colher as flores.
23. O lobo correu para a casa da avó de Chapeuzinho e bateu à porta da casa. A avó de Chapeuzinho perguntou:
24. — Quem está aí?
25. — Sou eu, Chapeuzinho — o lobo disse, disfarçando sua voz.
26. — Estou trazendo pamonhas e açaí que minha mãe fez para você. Abra a porta para mim.
27. — Abra você mesma. Entre logo.
28. O lobo entrou na casa e foi à cama da avó de Chapeuzinho e a engoliu.
29. Então, ele vestiu as roupas da avó de Chapeuzinho e deitou-se na sua cama.
30. Quando Chapeuzinho chegou à casa de sua avó, viu a porta aberta. Ela entrou, mas não reconheceu sua avó. Disse:
31. — Oh, minha avó, por que você tem suas orelhas tão grandes?
32. — Para ouvir você melhor.
33. — Oh, minha avó, por que você tem seus olhos tão grandes?
34. — Para ver você melhor.
35. — Oh, minha avó, por que você tem seus braços tão grandes?
36. — Para abraçar você melhor.
37. — Oh, minha avó, por que sua boca é tão grande?
38. — Você quer saber? Você quer mesmo saber? Então, eu vou dizer-lhe:
39. — Para comer você melhor!

40. Então o lobo saiu da cama. Chapeuzinho gritou e começou a correr dentro daquela casa.

41. Um caçador ouviu aqueles gritos e foi ver o que acontecia.

42. Ele entrou na casa e viu o lobo que corria atrás de Chapeuzinho.

43. O caçador matou o lobo.

44. Chapeuzinho chorava muito. O caçador pensou:

45. "Talvez ele tenha comido a velha, mas eu a salvarei."

46. Então, pegou sua faca e abriu a barriga do lobo. Quando a cortou, a avó de Chapeuzinho saiu dela com vida.

47. Assim, todos ficaram felizes.

48. Depois, disse Chapeuzinho a sua avó:

49. Enquanto eu viver, obedecerei à minha mãe...

XAPEWAMIRĨ PIRANGA

1. Kuxiíma, paá, aikwé yepé kunhatãi katú retana. Panhẽ mira usaisú aé.

2. Yepé ara, paá, i aría umeẽ i xupé yepé xapewamirĩ piranga amaniú suiwara.

3. Ape, paá, panhẽ uyupirú useruka aé Xapewamirĩ Piranga.

4. Yepé ara, paá, i manha usenũi aé, asuí unheẽ i xupé:

5. — Xapewamirĩ, rerasú kwá pamunha[91]–itá, kwá wasaí yukisé yuíri ne aría supé. Aé ti uikú katú.

6. Resú paranã rapé rupí. Té resú kaá rapé rupí maãresé yawaité retana.

7. Xapewamirĩ usendú i manha. Aé upisika panakú, upitera[92] i manha asuí usemu ana.

8. I aría umurari kaá pitérupi. Mairamé Xapewamirĩ Piranga usika paranã-me, usuantí yepé yawarasú[93].

91. pamunha – pamonha
92. pitera – beijar (além de ter o sentido de *chupar*, *sugar*, esse verbo foi usado no passado como *beijar*)
93. yawarasú – lobo

9. Mayé aé ti ukwáu nhaã yawarasú, puxí waá, aé ti usikié i suí.

10. — Puranga ara!, unheẽ yawarasú i xupé.

11. — Puranga ara!, usuaxara Xapewamirĩ.

12. — Makití taá resú kuemaeté, kunhatãi?

13. — Asú se aría ruka kití.

14. — Maã taá aikwé kwá panakú kwara upé?

15. — Se aría ti uikú katú, aresé arasú pamunha-itá, wasaí yukisé yuíri se manha umunhã waá i xupé. Aé upitá kurí surí.

16. — Renheẽ ixé arama mamé ne aría umurari.

17. — Aé umurari kwá rupí. Suka upitá wasaí-iwa ruakí.

18. Yawarasú umanduári i irumu tẽ: "Se yumasí aikú. Aramé kwá taína se rimbiú sé kurí aé. Ixé awatá ramé kutara, asú ambaú i aría yuíri". Aramé yawarasú unheẽ:

19. — Resendú, kunhatãi. Remaã ana será kwá putira-itá puranga aikwé waá kwá kaá upé? Marã taá ti rerasú aintá ne aría supé?

20. Aramé Xapewamirĩ umaité:

21. "Apuú ramé yepeyepé putira se aría supé, aé upitá kurí surí".

22. Aramé aé uwikẽ kaá kití upuú arama putira-itá.

23. Yawarasú uyana Xapewamirĩ aría ruka kití asuí utuká ana uka rukena. Xapewamirĩ aría upurandú:

24. — Awá taá aikwé?

25. — Ixé, Xapewamirĩ – yawarasú unheẽ, umuamurupí i nheenga.

26. — Aruri aikú pamunha-itá, wasaí yukisé yuíri se manha umunhã waá indé arama. Repirari ukena ixé arama.

27. — Repirari ne rupí. Rewiké yeperesé.

28. Yawarasú uwiké ana uka upé, usú Xapewamirĩ aría kisawa[94] kití, asuí umukuna aé.

94. kisawa – leito, rede de dormir, cama

29. Aramé, aé umundéu Xapewamirĩ aría muamundewa-itá[95], asuí uyenú i kisawa resé.

30. Mairamé Xapewamirĩ usika i aría ruka upé, umaã ukena uyupirari uikú waá. Aiwã uwiké, ma ti ukwáu i aría. Unheẽ:

31. — Adí, se aría, marã taá rerikú ne nambi-itá turusú retana?

32. — Asendú arama indé puranga piri.

33. — Adí, se aría, marã taá rerikú ne resá-itá turusú retana?

34. — Amaã arama indé puranga piri.

35. — Adí, se aría, marã taá rerikú ne yuwá-itá turusú retana?

36. — Ayumana arama indé puranga piri.

37. — Adí, se aría, marã taá ne yurú turusú retana?

38. — Rekwáu-putari será? Rekwáu-putari tẽ? Aramé asú ambeú indé arama:

39. — Ambaú arama indé puranga piri!

40. Aramé yawarasú usemu kisawa suí. Xapewamirĩ usasemu, asuí uyupirú uyana nhaã uka kwara upé.

41. Yepé kamundusara[96] usendú nhaã sasemusawa-itá asuí usú ana umaã arama maã taá uyusasá.

42. Aiwã uwiké uka upé, umaã yawarasú uyana waá Xapewamirĩ rakakwera.

43. Kamundusara uyuká ana Yawarasú.

44. Xapewamirĩ uyaxiú retana. Kamundusara umaité:

45. "Araneíma aé umbaú ana waimĩ, ma ixé apisirú[97] kurí aé".

46. Aramé ana aé upisika i kisé asuí upirari yawarasú marika. Mairamé umunuka ana i marika, Xapewamirĩ aría usemu i kwara suí sikwé rẽ.

47. Kwayé panhẽ surí ana upitá.

48. Ariré Xapewamirĩ unheẽ i aría supé:

49. — Se rikwé pukusawa, apusú[98] kurí se manha nheenga...

95. muamundewa – roupa
96. kamundusara – caçador
97. pisirú – livrar, salvar
98. pusú – respeitar, honrar, obedecer

30. DINHANGA DIA NGOMBE E O VEADO

(Conto folclórico de Angola.
Tradução do quimbundo para o nheengatu de **Marcel Twardowsky Ávila**.)

1. Dinhanga Dia Ngombe pegou sua espingarda e disse:

2. — Vou caçar.

3. Chegou à mata. Lá encontrou um veado que estava comendo mudia-mbambi. Ele colocou seu mutá numa árvore e voltou para casa.

4. Ele esperou a hora na qual o veado comia, e disse:

5. — Já vou.

6. Ele pegou sua espingarda. Quando chegou ao local de seu mutá, subiu em cima dele. Depois de algum tempo, veio um veado.

7. O homem colocou a base da espingarda sobre o ombro e atirou.

8. O veado caiu no chão. Então, o homem desceu para o solo, pegou o veado pela perna e terminou de matá-lo com seu machado. Ele morreu.

9. O homem tirou sua faca da cintura e começou a esfolar o veado. Quando terminou, ele puxou a pele do veado de sob seu corpo. O veado se levantou!

10. Aí o veado fugiu com pressa. Já um pouco afastado, ele parou. O caçador, que ficara com a pele do veado nas mãos, disse:

11. — Que prodígio é esse que me espanta? O veado que eu matei deixou sua pele em minhas mãos!

12. Em seguida, o homem disse:

13. — Você, veado, terá vergonha quando chegar junto a seu pai e sua mãe. Eles te perguntarão: –Você veio pelado! Onde você deixou sua pele?

14. O veado respondeu:

15. — Você também terá vergonha. Quando você chegar a casa, encontrará seus companheiros e sua esposa. Você contará para eles: – Fui esperar caça sobre o mutá. Atirei num veado. Depois que ele morreu, eu o esfolei. Aí o veado se levantou, deixou sua pele em minhas mãos. Então, você terá vergonha.

16. Quando o veado terminou, o homem não respondeu mais a ele. Disse apenas:

17. — Vou-me embora para casa.

18. Ele pegou sua espingarda e foi pra casa. Quando chegou, encontrou seus companheiros e sua esposa. Disse a eles:

19. — Espantei-me muito no mato! Fui esperar caça sobre o mutá. Veio um veado e eu atirei nele. Depois de ele morrer, eu o esfolei. Em seguida, o veado se levantou, deixou sua pele em minhas mãos.

20. Todos riram dele. Assim o veado o venceu.

DINHANGA DIA NGOMBE SUASÚ IRUMU

1. Yepé apigawa, sera waá Dinhanga dia Ngombe, upisika i mukawa, asuí unheẽ:

2. — Asú akamundú[99].

3. Usika kaá upé, ape uwasemu yepé suasú, umbaú uikú waá yepé kaá nungara, sera waá mudia-mbambi. Aé muyatikú i mitá yepé mirá resé, asuí uyuíri suka kití.

4. Aé usarú usika sangawa mairamé suasú usú arama umbaú, asuí unheẽ:

5. — Asú ana.

6. Aé upisika i mukawa. Usika ramé i mitá rendá-pe, uyupiri i ara kití. Uikupukú xinga riré, suasú uri.

7. Apigawa umburi i mukawa rupitá i apa árupi, uyapí.

8. Suasú uwari iwí-pe. Aramé apigawa uwiyé iwí kití, upisika suasú setimã rupí, asuí umbawa uyuká aé i jí irumu. Aé umanú ana.

9. Apigawa uyuka i kisé i kuá suí, asuí uyupirú upiruka nhaã suasú. Umbawa ramé ana, aé usikí suasú pirera i pira wira suí. Suasú upuãmu!

10. Ape suasú uyana kutara, uyawáu. Apekatú xinga ana, aé upituú. Kamundusara, upitá waá suasú pirera i pú upé, unheẽ:

11. — Maã taá kwá marandúa umuakanhemu waá ixé? Suasú ayuká ana waá uxari i pirera se pú upé!

99. kamundú – caçar

12. Asuí, apigawa unheẽ rẽ:

13. — Indé, suasú, retĩ kurí resika ramé ne paya piri, ne manha piri. Aintá kurí upurandú ne suí: "reyuri piruka! Mamé taá rexari ne pirera?"

14. Suasú usuaxara:

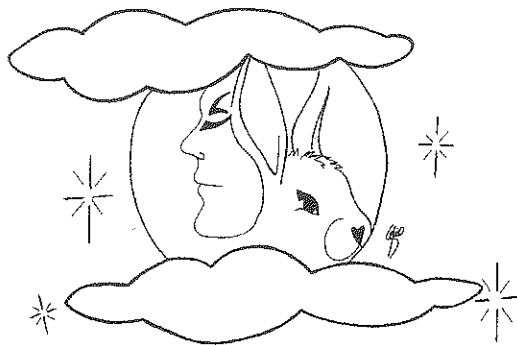
15. — Yawé tẽ kurí retĩ yuíri. Resika ramé ne ruka upé, reyuantí kurí ne rumuára-itá irumu, ne rimirikú irumu. Rembeú kurí aintá supé: "asú ana asarú suú mitá árupi. Ayapí yepé suasú. Aé umanú riré, apiruka aé. Ape suasú upuãmu, uxari i pirera se pú resé". Aramé ana tẽ kurí retĩ.

16. Suasú umbawa riré, apigawa ti ana usuaxara aé. Unheẽntu:

17. — Asú rẽ se ruka kití.

18. Aé upisika ana i mukawa, usú ana suka kití. Usika ramé, uyuantí sumuára-itá irumu, ximirikú irumu. Unheẽ aintá supé:

19. — Se akanhemu retana kaá-pe! Asú ana asarú suú mitá árupi. Uri yepé suasú, ayapí aé. Aé umanú riré ana apiruka aé. Asuí suasú upuãmu, uxari i pirera se pú upé.

20. Panhẽ awá upuká sesé. Yawé suasú umuserana nhaã apigawa.

31. O COELHO DA LUA

(Conto folclórico japonês.
Tradução para o nheengatu de **Fabiana Hirae**.)

1. Contam que, um dia, o Velho da Lua olhou lá de cima para uma grande floresta na Terra.
2. Da lua, ele viu três amigos em volta de uma fogueira: o coelho, o macaco e o quati, que conversavam animadamente.
3. Quando o Velho da Lua os viu, se perguntou:
4. — Qual deles é o mais bondoso?
5. Para saber, ele se transformou em mendigo e conta-se que desceu da Lua à Terra.
6. — Ajudem-me! — disse ele aos três amigos.— Estou com muita fome!
7. — Oh, coitado! — eles três disseram, saindo rápido para encontrar comida para ele.
8. O macaco encontrou um monte de frutas e levou para o Velho da Lua.
9. O quati pescou um peixe bem grande.
10. Mas o coelho não conseguiu encontrar nada.
11. — Ó céus! Ó céus! Que posso fazer? — disse o coelho tristemente.
12. Naquele momento mesmo, teve uma ideia. Disse ao macaco:

13. — Meu amigo macaco, você pode juntar um pouco de lenha para mim? Ele virou-se para o quati e disse, então:
14. — Poderia fazer uma fogueira com a lenha que o macaco trouxe? Quero muito ajudar o velho, mas não encontrei nada. Vou-me lançar no fogo. Quando eu estiver assado, ele poderá comer minha carne.
15. Quando ele estava para pular no fogo, o velho mendigo rapidamente se transformou novamente no Velho da Lua, e logo disse:
16. — Você é muito bondoso, coelho. Mas nunca faça algo que faça mal a si mesmo.
17. Como você é o mais bondoso de todos os animais da floresta, vou levá-lo para morar comigo, em minha casa.
18. O Velho da Lua tomou o coelho em seus braços e o carregou pelo céu até chegar à Lua.
19. Hoje, os dois vivem alegremente. A felicidade é muito grande. Por isso, nós podemos vê-los quando a Lua brilha intensamente.

TAPETÍ[100] YASIPURA

1. Yepé ara, paá, Tuyué Yasipura umaã mi iwaté suí yepé kaawasú kití iwí upé.
2. Yasí suí, aé umaã musapiri kamarara[101] yepé tatá ruakí: tapetí, makaka asuí kwatí, upurungitá waá-itá surí.
3. Tuyué Yasipura umaã ramé aintá, uyupurandú:
4. — Awá taá aintá suiwara i piá-puranga piri waá?
5. Ukwáu arama, aé uyumunhã yepé mira pirasúa arama, asuí, paá, uwiyé yasí suí iwí kití.
6. — Pepitimú[102] ixé! – aé unheẽ musapiri kamarara supé. — Se yumasí retana aikú!
7. — Oh, taité! — aintá musapiri unheẽ, aintá usemu kutara uwasemu arama timbiú i xupé.

100. tapetí – lebre, coelho
101. kamarara – amigo(a), camarada
102. pitimú – ajudar, auxiliar, socorrer

8. Makaka uwasemu siia iwá asuí urasú aintá Tuyué Yasipura supé.
9. Kwatí upinaitika yepé pirá turusú retana.
10. Ma tapetí ti uwasemu-kwáu nẽ maã.
11. — Tik! Tik! Maã taá amunhã-kwáu? – tapetí unheẽ sasiára.
12. Aramé tẽ, urikú yepé manduarisawa. Unheẽ makaka supé:
13. — Se rumuára makaka, remuatiri-kwáu kwaíra yepeáwa ixé arama? Uyeréu kwatí kití, ape unheẽ:
14. — Remundeka-kwáu yepé tatawasú yepeáwa irumu makaka ururi waá? Aputari reté apitimú tuyué, ma ti awasemu nẽ maã. Ayumburi kurí tatá resé. Mairamé ayumixiri ana, aé umbaú-kwáu kurí se rukwera.
15. Mairamé aé upuri-putari ana tatá kití, nhaã mira pirasúa kutara nungara uyeréu yuíri Tuyué Yasipura arama. Ape, yeperesé unheẽ:
16. — Indé ne piá-puranga retana, tapetí. Ma té remunhã nẽ mairamé maã umunhã waá puxiwera indé arama tẽ.
17. Mayawé indé nhaã i piá-puranga piri waá panhẽ suú kaapura suiwara, arasú kurí indé remurari arama se irumu, se ruka upé.
18. Tuyué Yasipura usupiri ana tapetí, asuí urasú aé iwaka rupí té aintá usika Yasí upé.
19. Kuíri mukũi-itá uikú surí. Kwá surisawa turusú retana. Aresé, yamaã-kwáu aintá mairamé Yasí usendí katú.

32. O ELEFANTE E A RÃ

(Conto folclórico de Angola.
Tradução do quimbundo para o nheengatu de **Marcel Twardowsky Ávila**.)

1. Eu vou contar uma história a respeito do elefante e da rã, que iam visitar suas namoradas numa mesma casa.
2. Um dia a rã disse à namorada do elefante:
3. — O elefante é meu cavalo.

4. Quando o elefante chegou, à noite, as moças lhe disseram:
5. — Você é o cavalo da rã!
6. Então, o elefante foi até a rã e perguntou-lhe:
7. — Você disse à minha namorada que eu sou seu cavalo?
8. A rã respondeu:
9. — Não, eu não disse isso.
10. Então eles partiram juntos para encontrar a namorada do elefante.
11. No meio do caminho, a rã disse ao elefante:
12. — Meu avô, eu não tenho mais força para caminhar. Deixe-me subir nas suas costas!
13. O elefante respondeu:
14. — Suba, meu neto.
15. Então, a rã subiu. Depois de algum tempo, disse ao elefante:
16. — Meu avô, eu vou cair das suas costas. Deixe-me procurar umas cordinhas para amarrá-las na sua boca. Com elas, eu vou segurar-me.
17. O elefante consentiu que a rã fizesse tudo o que pedira. Depois de algum tempo, a rã pediu ainda ao elefante:
18. — Deixe-me procurar uma vara para espantar os mosquitos para longe de você.
19. O elefante respondeu:
20. — Vá!
21. Então a rã buscou a vara.
22. Quando eles já estavam chegando, as moças saíram para recebê-los e, então, elas gritaram.
23. — Elefante, você é mesmo o cavalo da rã!

EREPANTI[103] YUÍ IRUMU

1. Ixé ambeú kurí marandúa erepanti asuí yuí resewara, usuwera waá-itá umaã aintá awasá-itá yepé tẽ uka upé.
2. Yepé ara, yuí unheẽ erepanti awasá supé:
3. — Ne rumuára erepanti, aé se kawarú.
4. Mairamé erepanti usika, pituna ramé, kunhãmukú-itá unheẽ i xupé:
5. — Indé yuí kawarú!
6. Aramé erepanti usú yuí piri, upurandú i suí:
7. — Indé renheẽ será se awasá supé ixé ne kawarú?
8. Yuí usuaxara:
9. — Umbaá, ixé ti anheẽ kwá.
10. Ape aintá usú yepewasú usuantí arama erepanti awasá.
11. Pé pitérupi yuí unheẽ erepanti supé:
12. — Se ramunha, ti ana arikú kirimbasawa awatá arama. Tenupá ayupiri ne kupé ara kití!
13. Erepanti usuaxara:
14. — Reyupiri, se remiarirú!
15. Aramé yuí uyupiri. Uikupukú xinga riré ana, unheẽ erepanti supé:
16. — Se ramunha, awari kurí ne kupé ara suí. Tenupá asikari tupasama-mirĩ–itá apukwari arama ne yurú resé. Aintá pupé kurí ayupitasuka.
17. Erepanti uxari yuí umunhã panhẽ maã aé uyururéu waá. Uikupukú xinga riré, yuí uyururuéu rẽ erepanti suí:
18. — Tenupá asikari yepé miraí amutawá arama karapanã-itá ne suí.
19. Erepanti usuaxara:
20. — Eré.

103. erepanti – elefante

21. Aramé yuí usikari ana miraí.
22. Aintá usika uikú ramé ana, kunhãmukú-itá usemu usuantí arama aintá, asuí aintá usasemu:
23. — Erepanti, indé supí kwá yuí kawarú!

33. O PARTO DA MONTANHA

(Fábula de Esopo.
Tradução para o nheengatu de **Andressa Nesi de Souza**.)

1. Antigamente, dizem que uma montanha fez um grande barulho. As pessoas pensaram que ela se tornaria mãe.
2. Uma multidão veio para ver o parto da montanha. Todos falavam coisas diferentes sobre a montanha.
3. Os dias passaram, meses passaram e o barulho da montanha ficou maior.
4. As pessoas diziam coisas malucas sobre aquilo. Alguns diziam que era o fim do mundo.
5. Um dia, o barulho ficou muito grande; a montanha tremeu e rachou. As pessoas nem respiravam por medo.
6. De repente, no meio do barulho nasceu... um rato.
7. Quem fala muito às vezes faz pouco.

IWITERA MIMBIRARISAWA

1. Kuxiíma, paá, yepé iwitera umunhã yepé tiapuwasú. Mira-itá umaité aé uyeréu maã manha.
2. Siía mira uri umaã arama iwitera mimbirarisawa. Panhẽ awá upurungitá maã-itá amurupí iwitera resé.
3. Ara-itá usasá, yasí-itá usasá, asuí iwitera tiapú upitá turusú piri.
4. Mira-itá unheẽ maã-itá akangaíwa nhaã resé. Yepeyepé unheẽ nhaã Iwí pausawa.
5. Yepé ara, tiapú upitá turusú retana; iwitera urirí asuí usuruka. Mira-itá nẽ usikí ta anga sikiesawa resé.
6. Aramé ana, tiapú pitérupi, usemu yepé... wawirú!
7. Awá upurungitá retana amuramé umunhã xinga.

34. A PEQUENA SEREIA

(Conto de Roberto Belli e Cristina Marques.
Tradução para o nheengatu de **Eric Gaúna**.)

1. Era uma vez... uma jovem sereia que gostava de tomar sol, sentada em uma rocha.
2. Um dia, ela viu um lindo príncipe, por quem se apaixonou. Mas seu pai, o rei dos mares, disse-lhe:
3. — Minha filha, você não pode amar um humano. Você é uma sereia! Veja, você tem cauda, os humanos têm pernas!
4. A pequena sereia, então, foi procurar a bruxa do mar e pediu:
5. — Por favor, eu quero ter pernas!
6. A bruxa aceitou realizar o encanto, mas, em troca, quis a linda voz da pequena sereia.
7. A pequena sereia estava tão apaixonada que concordou com a bruxa. Tomou a poção mágica e desmaiou.

8. Quando acordou, estava na praia. O lindo príncipe encontrou-a e fez dela sua amiga.
9. Mas a pequena sereia estava muda. Não podia falar de seu amor. Um dia, soube que ele iria casar-se.
10. Resolveu visitar o príncipe enquanto ele dormia, para se despedir. Chorou e não teve coragem de deixá-lo.
11. O casamento era com a bruxa disfarçada, mas, por acidente, quebrou-se a joia que ela levava ao pescoço, desfazendo-se, assim, o feitiço.
12. A bruxa voltou à sua forma, e a voz da pequena sereia foi recuperada.
13. Feliz, a pequena sereia pôde contar toda sua história ao príncipe, que, vendo tanto amor, resolveu casar-se com ela.
14. Casaram-se e foram felizes para sempre.
15. E todos, no reino das águas, acompanharam as festas e a alegria da pequena sereia e do príncipe.

KUNHÃ-PIRÁ MIRĨ

1. Aikwé, paá, kuxiima yepé kunhã-pirá pisasú rẽ waá uyusé[104] waá uwapika uikú yepé itá resé kurasí wírupi.
2. Yepé ara, aé umaã yepé kurumiwasú puranga, aé usaisú ana waá. Ma i paya, paranãwasú muruxawa[105], unheẽ ana i xupé:
3. — Se rayera, indé ti resaisú-kwáu yepé apigawa. Indé kunhã-pirá! Remaã, indé rerikú ne ruáya, ma apigawa-itá urikú ta retimã!
4. Asuí kunhã-pirá mirĩ usú ana usikari paranãwasú payé-kunhã puxí. Aé uyururéu ana i suí:
5. — Ixé arikú-putari se retimã!
6. Payé-kunhã puxí unheẽ ana i xupé: — Eré! Ma sikuyara arikú-putari kwá ne nheenga puranga.
7. Kunhã-pirá, usaisú retana resewara nhaã kurumiwasú, uxari ana payé-kunhã puxí umunhã yepé pusanga i xupé. Aé uú riré nhaã pusanga, umanuaíwa.

104. yusé – gostar
105. muruxawa – rei

8. Upaka ramé, kunhã-pirá mirĩ uikú ana iwikuí upé. Kurumiwasú puranga uwasemu aé, asuí urikú ana aé sumuára arama.

9. Ma kunhã-pirá mirĩ i nheengaíma uikú. Aresé aé ti umbeú-kwáu aé usaisú aité nhaã kurumiwasú. Yepé ara, aé ukwáu ana kurumiwasú umendari maã amú kunhã irumu.

10. Kunhã-pirá mirĩ usú kurumiwasú piri, aité kwá ukiri pukusawa, maãresé aé umbeú-putari sesewara i xupé, usú renundé i suí. Ma aramé tẽ Kunhã-pirá mirĩ uyaxiú, ti ana usú-kwáu i suí.

11. Kurumiwasú, ti pukusawa ukwáu, umendári arã yepé aité nhaã payé-kunhã irumu, umuamurupí waá kwera i pira pusanga rupí. Ma payé-kunhã pusanga, aité yepé itá aé uruwatá waá i ayura resé. Aramé kwá itá upuka, asuí pusanga kirimbasawa upawa ana.

12. Payé-kunhã puxí uyukwáu ana yuíri i pira reté waá irumu, asuí kunhã-pirá mirĩ urikú ana yuíri i nheenga.

13. Kunhã-pirá mirĩ, surí ana waá, umbeú-kwáu ana panhẽ maã uputari waá kurumiwasú supé. Kurumiwasú umaã riré mayé Kunhã-pirá mirĩ usaisú aé, umendari-putari ana i irumu.

14. Aintá uyumendari, asuí surí ta upitá yawewara waá tẽ.

15. Asuiwara panhẽ awá, paranãwasú retama upé, umaã aintá murasí-itá, aintá rurisawa yuíri.

35. OS SEGREDOS DA NOSSA CASA

(Conto africano.
Tradução para o nheengatu de **Edeli Macedo**.)

1. Certo dia, uma mulher estava na cozinha e, ao atiçar a fogueira, deixou cair cinza em cima do seu cão.

2. O cão queixou-se:

3. — A senhora, por favor, não me queime!

4. Ela ficou muito espantada: um cão a falar! Até parecia mentira...

5. Assustada, resolveu bater-lhe com o pau com que mexia a comida. Mas o pau também falou:

6. — O cão não me fez mal. Não quero bater-lhe!

7. A senhora já não sabia o que fazer e resolveu contar às vizinhas o que se tinha passado com o cão e o pau.

8. Mas, quando ia sair de casa, a porta, com um ar zangado, avisou-a:

9. — Não saia daqui e pense no que aconteceu. Os segredos da nossa casa não devem ser espalhados pelos vizinhos.

10. A senhora percebeu o conselho da porta. Pensou que tudo começara porque tratara mal o seu cão. Então, pediu-lhe desculpas e repartiu o almoço com ele.

YANÉ RUKA YUMIMISAWA

1. Yepé ara, paá, yepé kunhã uikú memuitendawa upé, ape umundeka riré tatá, uxari uwari tanimbuka i yawara árupi.

2. Yawara unheẽ:

3. — Remaã katú ti arama resapí ixé!

4. Kunhã yakanhemu retana: yepé yawara upurungitá waá! Ti pu supí nhaã...

5. Ape, yakanhemu rẽ, aé usikari unupá aité nhaã yawara yepé mirá irumu maã pupé aé upuiriwera timbiú. Ma aité nhaã mirá upurungitá ana yuíri:

6. — Yawara ti umunhã puxiwera ixé arama. Ixé ti anupá-putari aé.

7. Kunhã ti ana ukwáu maã taá umunhã arama, aramé ana umbéu-putari suakiwara-itá supé maã uyusasá yawara irumu, aité nhaã mirá irumu yuíri.

8. Mairamé aé usemu-putari ana suka suí, ukena, i piaíwa, unheẽ:

9. — Té resemu kwa suí, repitá asuí remanduári aité kwá maã-itá resé uyusasá ana waá iké. Yané ruka yumimisawa ti uyumusãi-kwáu suakiwara-itá rupí.

10. Kunhã upisika ukena mungitasawa. Umanduári ana panhẽ maã uyupirú maãresé aé urikú puxiwera i yawara. Aramé uyururéu yerusawa[106] aité i yawara suí, asuí umeẽ ximbiú suiwara i xupé.

106. yerusawa (ou yerũsáwa) – perdão, desculpa

36. HISTÓRIA DO PESCADOR E DO ESPÍRITO DA MATA CAMARADA

(Conto de Décia Prado Marques
Tradução para o nheengatu de **Adriano Costa Pequeno**.)

1. Um dia, um homem saiu para pescaria.
2. Caminhou longe pela mata, até um igarapé muito piscoso onde acampou.
3. Lá, fez uma casinha tipo tapiri e saiu a procurar talas de paxiúba para fazer um matapi, que é uma armadilha de pesca.
4. Terminando de fazer, foi coloca-lo no igarapé.
5. De volta ao acampamento, montou um jirau para moquear os peixes.
6. No começo da noite, voltou ao igarapé para dar uma olhada.
7. As armadilhas estavam cheias de peixe de todo tipo: aracus, sarapós, acarás, jejus, tamoatás, traíras, jandiás, pacus, peixes-cachorro, que ele trouxe e colocou no jirau para moquear.
8. Depois de tudo ajeitado, deitou-se na rede e ficou pensando.
9. De repente, escutou uma batida.
10. — Koouu!
11. — O que será que está batendo? — pensou.
12. Logo escutou novamente, muito longe.
13. — Kooooouuuuuu!
14. — Será que vai zoar de novo? — pensou. Enquanto pensava, a coisa já estava batendo bem perto dele: — Kooooouuuu!
15. Claro que ele perdeu o sono.
16. Um Espírito da Mata pequenino chegou e se sentou perto do fogo do moquém.
17. Ali ele ficou, esquentando suas mãos e pés.
18. O homem percebeu que ele não parava de olhar pro jirau de peixes.

19. Sem medo, foi pegar um peixe cru da armadilha para oferecer.
20. Mas o Espírito da Mata não aceitou, nem respondeu.
21. Humanos não comem cru, mas ele... — pensou o homem.
22. Acho que ele come peixe moqueado — ofereceu e ele aceitou.
23. — Esse tipo de Espírito da Mata não é tão mau assim — pensou.
24. Ao amanhecer, depois de passar a noite ao pé do fogo, o Espírito da Mata Camarada decidiu ir embora.
25. Já vou indo — disse. Antes, deu um conselho.
26. Evite caminhar mais dentro da mata, para além das zoadas da Sapopemba. Lá, vive um Espírito da Mata Perigoso que, aquele sim, vai te comer — avisou.
27. Dito isso, foi embora.
28. Aqui termina a história desse pescador de sorte.

PINAITIKASARA KAÁ-ANGA KAMARARA WAÁ IRUMU

1. Yepé ara, paá, yepé apigawa usemu upinaitika arã.
2. Aé uwatá apekatú kaá rupí, té yepé igarapé mamé aikwé pirá-itá, ape umunhã i mitasawa.
3. Mimi, umunhã wana yepé tapirí asuí usikari ana paxiíwa mirá-itá umunhã arama yepé matapí.
4. Umunhã pawa riré, aé umburi matapí igarapé upé.
5. Ariré, aé uyuíri i mitasawa kiti, umunhã wana yepé mukaẽtáwa umukaẽ arama pirá-itá.
6. Pituna usika ramé, apigawa uyuíri igarapé kiti umaã arama.
7. I matapí teresemu uikú ana panhẽ pirá nungara-itá irumu: arakú, sarapú, akará, yeyú, tamuatá, taraíra, yandiá, pakú, pirandira. Apigawa ururi aintá umukaẽ arama mukaẽtáwa upé.
8. Ape, aé uyenú makira upé asuí upitá, umanduárintu uikú.

9. Aramé ana usendú yepé tiapú.
10. — Koouu!
11. Maã taá pu utuká uikú? — Apigawa umanduári.
12. Ape, aé usendú tiapú yuíri, apekatú retana.
13. — Koooooouuuuuu!
14. — Kuíri taá? Tiapú será kurí yuíri? — Apigawa umanduári ana. Aé umanduári pukusawa, aé usendu ana tiapú suakí.
15. Ape supí sipusí ukanhemu ana.
16. Yepé Kaá-anga mirĩ usika asuí uwapika mukaẽtáwa ratá ruakí.
17. Kaá-anga upitá ape, umusakú i pú, i pí yuíri.
18. Apigawa umaã nhaã Kaá-anga ti upituú umaã mukaẽtáwa resé.
19. Sikiesawaíma, apigawa upisika yepé pirá wiíma umeẽ arama Kaá-anga supé.
20. Kaá-anga ti upisika-putari nhaã pirá, nẽ usuaxara.
21. Mira ti umbaú pirá wiíma, ma aé, taukú... — Umanduári.
22. Amaité aé umbaú pirá mukaẽ — umeẽ i xupé, ape supí Kaá-anga upisika.
23. Kwá Kaá-anga nungara tintu puxí – Apigawa umanduári ana.
24. Kwemaeté, upitá riré pituna pukusawa tatá ruakí, Kaá-anga kamarara waá uputari ana usú misuí.
25. Asú rẽ ne suí — unheẽ. Usemu renundé umungitá nhaã apigawa:
26. Té rewatá apekatú kaá rupí, té resú sapupema tiapú riré. Mimi, umurari yepé kaá-anga puxí, aé supí umbaú kurí indé.
27. Upurungitá riré, Kaá-anga usú ana apigawa suí.
28. Iké upawa kwá pinaitikasara marupiára marandúa.

37. HISTÓRIA DO CURUPIRA

(Lenda amazônica.
Tradução para o nheengatu de **Angélica Solânia**.)

1. Estava o Curupira andando pela floresta, quando encontrou um índio caçador que dormia profundamente. O Curupira estava com muita fome e cismou em comer o coração do homem. Assim, fez que ele acordasse. O caçador levou um susto, mas como ele era muito controlado, fingiu que não estava com medo. O Curupira disse-lhe:
2. — Quero um pedaço de seu coração!
3. O caçador, que era muito esperto, lembrando-se de que havia atirado num macaco, entregou ao Curupira um pedaço do coração do macaco. O Curupira provou, gostou e quis comer tudo.
4. — Quero mais! Quero o resto! — pediu ele. O Caçador entregou-lhe o que havia sobrado, mas, em troca, exigiu um pedaço do coração do Curupira.
5. — Fiz sua vontade, não fiz? Agora você deve dar-me em pagamento um pedaço de seu coração, disse ele.
6. O Curupira não era muito esperto e acreditou que o Caçador havia arrancado o próprio coração, sem ter sofrido nenhuma dor e sem haver morrido.
7. — Está certo, respondeu o Curupira, — empreste-me sua faca.
8. O caçador entregou-lhe a faca e afastou-se o mais que pôde, temendo levar uma facada. O Curupira, porém, estava sendo sincero. Enterrou a faca no próprio peito e tombou, sem vida.
9. O caçador não esperou mais, disparou pela floresta com tal velocidade que deixaria para trás os bichos mais velozes...
10. Quando chegou à aldeia, estava com a língua de fora e prometeu a si mesmo não voltar nunca mais à floresta. Pensou: "Desta escapei. Noutra é que não caio"
11. Durante um ano, o índio não quis saber de entrar na mata. Quando lhe perguntavam por que não saía mais da aldeia, ele se desculpava, dizendo estar doente.
12. O caçador tinha uma filha que era muito vaidosa. Como haveria uma festa dentro de poucos dias, ela pediu ao pai um colar diferente de todos os que ela já tinha visto.

13. O índio, pai dedicado, começou a pensar num modo de satisfazer o desejo da filha. Lembrou-se, então, dos dentes verdes do Curupira. Daria um bonito colar, sem dúvida.

14. Partiu para a floresta e procurou o lugar onde o gênio havia morrido. Depois de algumas voltas, deu com o esqueleto meio encoberto pelo mato. Os dentes verdes brilhavam ao sol, parecendo esmeraldas.

15. Conseguindo vencer o receio, apanhou o crânio do Curupira e começou a bater com ele no tronco de uma árvore, para que se despedaçasse e soltasse os dentes.

16. Imaginem a sua surpresa quando, de repente, viu o Curupira voltar à vida! Ali estava ele, exatamente como antes, parecendo que nada havia acontecido!

17. Por sorte, o Curupira acreditou que o Caçador o ressuscitara de propósito e ficou todo contente:

18. — Muito obrigado! Você devolveu-me a vida e não sei como agradecer-lhe!

19. O índio percebeu que estava salvo e respondeu que o Curupira não tinha nada que agradecer, mas ele insistia em demonstrar sua gratidão. Pensou um pouco e disse:

20. — Tome este arco e esta flecha. São mágicos. Basta que você olhe para a ave ou para o animal que deseja caçar e atire. A flecha não errará o alvo. Nunca mais lhe faltará caça. Mas, agora, ouça bem: jamais aponte para uma ave ou animal que esteja em bando, pois você seria atacado e despedaçado pelos companheiros dele. Entendeu?

21. O índio disse que sim e, desde aquele momento, não mais lhe faltou caça. Era só atirar a flecha e zás! O bicho caía. Tornou-se o maior caçador de sua tribo. Por onde passava, era olhado com respeito e admiração.

22. Um dia, ele estava caçando com outros companheiros que não tinham mais palavras para elogiá-lo. O índio sentiu-se tão importante que, ao ver um bando de pássaros que se aproximava, esqueceu-se da recomendação do Curupira e atirou...

23. Matou somente um pássaro e, como o Curupira avisara, foi atacado pelo bando enlouquecido pela perda do companheiro.

24. De seus amigos não ficou um: dispararam pela floresta, deixando-o entregue à própria sorte.

25. O pobre índio foi estraçalhado pelos pássaros. A cabeça estava num lugar, um braço no outro, uma perna aqui, outra longe... O Curupira

ficou com pena dele. Arranjou cera e acendeu um fogo para derretê-la. Depois recolheu os pedaços do Caçador e colou-os com a cera. O índio voltou à vida e levantou-se:

26. — Muito obrigado! Não sei como agradecer-lhe!

27. — Não tem o que agradecer, respondeu o Curupira, mas preste atenção. Esta foi a primeira e última vez que pude salvá-lo! Não beba nem coma nada que esteja quente! Se o fizer, a cera se derreterá e você também!

28. Durante muito tempo, o índio levou uma vida normal. Ninguém sabia do acontecido. Um dia, porém, sua mulher lhe serviu uma comida quente e apetitosa, tão apetitosa que o índio nem se lembrou de que a cera poderia derreter-se. Engoliu a comida e pronto! Não só a cera se derreteu, mas também o próprio índio.

KURUPIRA MARANDÚA

1. Kurupira uwatá uikú kaá rupí, mairamé usuantí yepé apigawa kamundusara[107] ukirí reté waá. Mayé kurupira i yumasí uikú, aé uputari ana umbaú nhaã apigawa piá. Sesewara Kurupira umbaka aé. Kamundusara yakanhemu, ma aé gananisara puranga, yawé waá umunhãntu ti usikié uikú. Kurupira unheẽ i xupé:

2. — Ixé aputari yepé ne piá pisãwéra[108].

3. Kamundusara, yakwáu[109] waá retana, yeperesé umanduári makaka kwera resé aé uyapí ana waá. Aramé, aé umeẽ yepé nhaã ximiára piá pisãwéra Kurupira supé. Kurupira usaã, sé retana umbaú, aramé uputari ana umbaú pawa. Unheẽ apigawa supé:

4. — Ixé aputari piri! Aputari ximirera! Kamundusara umeẽ ximirera i xupé, ma sikuyara uyururéu yepé kurupira piá pisãwéra:

5. — Amunhã ana ne rimutara, ti será? Kuíri, sikuyara, rerikuté remeẽ ixé arama ne piá pisãwéra.

6. Kurupira yakwaíma xinga, aresé aé uruyari nhaã apigawa umusaka tẽ i piá ti pukusawa upurará nẽ umanú.

7. — Eré! Usuaxara Kurupira, repurú ixé arama ne kisé!

---

107. kamundusara – caçador
108. pisãwéra (*ou* pusãwéra) – pedaço
109. yakwáu – ladino, esperto

8. Kamundusara umeẽ kisé Kurupira supé asuí utirika i suí ti arama Kurupira ukutuka aé nhaã kisé pupé. Ma Kurupira ti uganani uikú, aé uyatiká nhaã kisé i putiá resé, asuí uwari iwí-pe, umanú ana.

9. Kamundusara ti ana usarú, uyana kaá rupí kutara piri panhẽ suú-itá suí.

10. Usika ramé tawa upé, aé maraári retana. Aramé aé unheẽ i piá upé ti arama uyuíri, nẽ mairamé wana, kaá kití. Aé umanduári: "Kuíri ayawáu ana. Ti kurí apurará yuíri kwá yawé".

11. Yepé akayú pukusawa, apigawa ti uwiké-putari kaá upé. Mairamé amú awá upurandú i suí marã taá aé ti ana usemu tawa suí, apigawa usuaxarawera aé masiwera uikú.

12. Kamundusara urikú yepé tayera uputariwera waá uikú puranga. Mayé usika uikú ana ara mairamé aintá umunhã arama yepé murasí, aé uyururéu i paya suí yepé puíra amurupí panhẽ amú puíra-itá suí.

13. Nhaã apigawa, usaisú waá tayera, uyupirú ana umanduári mayé taá maã umunhã kunhãmukú rimutara. Ape aé umanduári nhaã Kurupira kwera ranha-itá resé, suikiri waá-itá. Aintá supí puranga puíra arama.

14. Aramé apigawa usú ana kaá kití, usikari arama nhaã tendawa kwera mamé Kurupira umanú ana. Uyatimatimana riré kaá rupí aé uwasemu Kurupira ambira kãwéra-itá yaitiwa wírupi. Sanha-itá suikiri uwerá katú kurasí irumu.

15. Aé upisika Kurupira akanga kwera, uyupirú utuká i pupé mirá rupitá-pe umukuruí arama aé, sanha-itá usaka arama.

16. Aramé tẽ apigawa yakanhemu retana, maãresé Kurupira upaka yuíri. Aé upuãmu mimi, i pira pawa puranga ana, mayé ti waá yawé upurará manungara.

17. Ma Kurupira umaité nhaã kamundusara umbaka yuíri aé simutara rupí tẽ. Sesewara aé surí retana apigawa irumu:

18. — Kwekatú reté! Indé remuyuíri se rikwesawa. Ixé ti akwáu maã taá umunhã-kwáu sikuyara indé arama.

19. Apigawa uikuntu ana, maãresé umaã Kurupira ti uyuká-putari aé. Aé usuaxara Kurupira supé ti maã arama aé umunhã manungara sikuyara. Ma Kurupira ti tẽ uxari-putari yawentu. Umanduári xinga riré, unheẽ apigawa supé:

20. — Repisika kwá mirapara, kwá uíwa irumu. Aintá amurupí amú-itá suí. Indé anhũ remaã mayé waá wirá u suú resentu reputari waá ne rimiára arama, asuí reyumú. Uíwa ti kurí uyawí. Ti ana kurí uwatari indé arama ne rimiára. Ma, kuíri, resendú katú: té reyumú, nẽ mairamé, yepé wirá u suú uikú waá siía sumuára-itá irumu, maãresé aité nhaã sumuára-itá uri kurí ne rakakwera, aintá umusuruka pawa kurí ne pira. Resendú?

21. Nhaã apigawa usendú katú, asuí nhaã ara suiwara ti ana uwatari ximiára i xupé. Iwasuíma retana kuíri: aé uyumuntu, asuí yeperesé suú uwari. Aé uyeréu kamundusara marupiára piri waá i mira-itá suiwara. Marupintu aé usasá panhẽ awá yakanhemu xinga umaã sesé, aintá upusú[110] resewara aé.

22. Yepé ara, aé ukamundú uikú sumuára-itá irumu ti waá-itá upituú umuserakwena[111] aé. Sesewara nhaã apigawa uyumuwarixí retana, yawé arã aé sesarái Kurupira nheenga-itá suí, ape usasá ramé siía wirá yepewasú aé uyumú aintá kití.

23. Aé uyuká yepenhũ wirá, asuí mayé tẽ Kurupira umbeú waá kwera i xupé, nhaã wirá rapixara-itá uri pawa satambika sesé, aintá akangaíwa nungara.

24. Nhaã apigawa rumuára-itá nẽ tẽ ana aintá usarú aé: yeperesé aintá uyawáu kutara kaá rupí, aintá uxari ana nhaã pirasúa anhuíra.

25. Aité nhaã apigawa kwera, taité, wirá-itá umusuruka pawa i pira, aé umanú ana. I akanga kwera upitá yepé tendawa upé, amú kití i yuwá kwera, setimã kwera uwari apekatú kití. Kurupira umuasí i pirasuasawa, aramé uyuka irariputí asuí umundeka tatá umutikú arama aé. Ape Kurupira umuatiri tiãwéra pisãwéra-itá asuí umuyari pawa sukwera irariputí pupé. Aramé ana apigawa upaka yuíri, upuãmu:

26. — Kwekatú reté! Ti akwaú maã taá amunhã sikuyara indé arama.

27. — Ti maã resé, ti aputari manungara sikuyara, Kurupira usuaxara, ma resendú katú: kuíri apisirú[112] ana indé, ma amú í[113] kurí ti ana amunhã-kwáu manungara. Té reú nẽ rembaú nẽ maã sakú waá! Reú ramé kurí manungara sakú, irariputí utikú, aramé indé tẽ kurí retikú yuíri.

28. Siía akayú pukusawa, nhaã apigawa uikú puranga reté. Nẽ awá ukwáu maã uyusasá waá kwera i irumu. Yepé ara, kuité, ximirikú umeẽ i xupé yepé timbiú sakú, sé retana waá. Ape, sé retana resewara nhaã timbiú, aé sesarái irariputí utikú maã aé umbaú ramé maã. Apigawa umukuna pawa! Yeperesé irariputí utikú, aé utikú tẽ yuíri.

110. pusú – respeitar
111. muserakwena – elogiar, falar bem de
112. pisirú – salvar, livrar
113. í - vez

SUMÁRIO

Eduardo de Almeida Navarro é paulista, doutor em Letras Clássicas e mestre em Geografia. É professor titular da FFLCH da Universidade de São Paulo, onde ensina Tupi Antigo, Língua Geral Amazônica do século XVIII e Nheengatu, na única cadeira universitária dessas línguas no Brasil atual, tendo centenas de alunos todos os anos. Empreende pesquisas no campo da Filologia Tupi-Guarani e da literatura colonial sobre a Amazônia. É um fervoroso cultor da história e da cultura brasileiras.

Marcel Twardowsky Ávila é paulista, doutorando do programa de Estudos da Tradução do Departamento de Línguas Modernas da FFLCH da USP, mestre em Letras e graduado em Física. Estuda o nheengatu desde 2010 e em sua dissertação de mestrado traduziu *A terra dos meninos pelados*, de Graciliano Ramos, do português para o nheengatu.